



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
ANTÔNIO CARLOS LORENTZ RIPE

**AS ARMAS DA INFANTARIA
DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA
NO TEATRO DE OPERAÇÕES DA ITÁLIA - 1944-1945**

Palhoça
2015

ANTÔNIO CARLOS LORENTZ RIPE

**AS ARMAS DA INFANTARIA
DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA
NO TEATRO DE OPERAÇÕES DA ITÁLIA - 1944-1945**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em História Militar, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito à obtenção do título de Especialista em História Militar.

Orientação: Prof. RENATO JORGE PARANHOS RESTIER JUNIOR, MSc.

Palhoça
2015

ANTÔNIO CARLOS LORENTZ RIPE

**AS ARMAS DA INFANTARIA
DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA
NO TEATRO DE OPERAÇÕES DA ITÁLIA - 1944-1945**

Esta Monografia foi julgada adequada à obtenção do título de Especialista em História Militar e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em História Militar, da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Palhoça, 13 de fevereiro de 2015.

Professor orientador: Renato Jorge Paranhos Restier Junior, MSc.

Universidade do Sul de Santa Catarina

Professor José Carlos Noronha de Oliveira

Universidade do Sul de Santa Catarina

A todos os integrantes da Força Expedicionária Brasileira, que regaram com seu sangue, suor e lágrimas o Teatro de Operações da Itália, na Segunda Guerra Mundial.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, a Deus, pela luz, sabedoria, coragem e força, sem as quais todo conhecimento é cego, toda ação é nula e todo esforço é improdutivo.

À minha esposa Claudete Fátima e a meus filhos Antônio Henrique e Eric Matheus, cujo amor, carinho, atenção e companheirismo me impedem de sucumbir perante a adversidade e me alentam a avançar sempre em direção à nossa meta comum.

Ao mestre Carlos F. Paula Neto, por sua atenção, suas orientações e, em especial, pela imensa gama de conhecimentos que nos disponibiliza.

A meus professores, de todas as épocas, por sua paciência, carinho, disponibilidade, orientação, conhecimento e, em especial, por seu empenho em fazer-nos enxergar além do horizonte.

RESUMO

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Brasil foi o único país da América Latina a enviar tropas para combater em um Teatro de Operações daquele conflito. Organizada em 9 de agosto de 1943, a Força Expedicionária Brasileira foi constituída pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária e órgãos de apoio. Essa Força precisou, em pouco tempo, adaptar-se à organização, às táticas, ao equipamento e ao armamento do Exército dos Estados Unidos da América, ao qual foi incorporada. Empregada no Teatro de Operações da Itália, no período 1944-1945, a Infantaria Expedicionária brasileira foi equipada com o armamento padrão norte-americano daquele período, desconhecido dos soldados brasileiros. Com pouco treinamento, mas muita disposição, os “pracinhas” se adaptaram às novas armas, cujo exitoso emprego foi decisivo para o sucesso da FEB em combate. Esse feito contribuiu, ainda, para confirmar a enorme capacidade de adaptação e improvisação que tornou célebres os soldados brasileiros em sua participação na Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: Armamento. Infantaria. Força Expedicionária Brasileira. Segunda Guerra Mundial.

RESUMEN

Durante la Segunda Guerra Mundial, Brasil fue el único país de América Latina a enviar tropas para combatir en un Teatro de Operaciones de aquel conflicto. Organizada a los 9 de agosto de 1943, la Fuerza Expedicionaria Brasileña fue constituida por la 1ª División de Infantería Expedicionaria y órganos de apoyo. Esa Fuerza necesitó, en poco tiempo, adaptarse a la organización, a las tácticas, al equipamiento y al armamento del Ejército de Estados Unidos de América, al cual fue incorporada. Empleada en el Teatro de Operaciones de Italia, en el 1944-1945, la Infantería Expedicionaria brasileña fue equipada con el armamento normalizado norteamericano de aquel período, desconocido de los soldados brasileños. Con poco entrenamiento, pero mucha disposición, los “pracinhas” se adaptaron a las nuevas armas, cuyo exitoso empleo fue decisivo para el éxito de la FEB en combate. Ese hecho contribuyó, aún, para confirmar la enorme capacidad de adaptación y improvisación que hizo célebres a los soldados brasileños en su participación en la Segunda Guerra Mundial.

Palabras clave: Armamento. Infantería. Fuerza Expedicionaria Brasileña. Segunda Guerra Mundial.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 – Fuzil Springfield M1903 e seu clipe de remuniamento.....	83
Fotografia 2 – Fuzil M1 Garand.....	83
Fotografia 3 – Clipe M1.....	83
Figura 1 – Lançador de granada M7.....	84
Fotografia 4 – Submetralhadora Thompson M1928.....	84
Fotografia 5 – Submetralhadora Thompson M1A1.....	84
Fotografia 6 – Submetralhadora M3.....	85
Fotografia 7 – Carabina .30 M1.....	85
Fotografia 8 – Carabinas .30: M1A1 e M1, ambas com encaixe para baioneta.....	85
Fotografia 9 – Pistola Colt 1911A1.....	86
Fotografia 10 – Pistolas Colt 1911 e 1911A1.....	86
Fotografia 11 – Browning Automatic Rifle M1918A2.....	86
Figura 2 – B.A.R. M1918, M1918A1 e M1918A2.....	87
Fotografia 12 – Metralhadora Browning .30 M1919A4.....	87
Figura 3 – Metralhadora Browning .30 M1919A6.....	88
Fotografia 13 – Lança-rojão 2.36 M1 e rojões M6A2 e M6A3.....	88
Fotografia 14 – Lança-rojão 2.36 M9A1.....	88
Fotografia 15 – Granada de mão defensiva Mk IIA1.....	89
Figura 4 – Granada de mão ofensiva Mk IIIA2.....	89
Fotografia 16 – Granadas de fuzil e adaptador de projeção M1A2.....	89
Fotografia 17 – Treinamento de tiro com o fuzil Springfield M1903.....	90
Fotografia 18 – Grupo de “pracinhas”.....	90
Fotografia 19 – Patrulha na neve.....	91
Fotografia 20 – “Pracinha” remuniando o fuzil Springfield M1903.....	91
Fotografia 21 – Lançamento de granada de fuzil.....	92

Fotografia 22 – Defesa na neve em Porreta Terme.....	92
Fotografia 23 – Patrulha de suprimento.....	93
Fotografia 24 – Blindado de reconhecimento da FEB.....	93
Fotografia 25 – Pistola Colt M1911A1 do Contrato Brasileiro de 1937.....	94
Fotografia 26 – Vigia de campo de prisioneiros armado com B.A.R.....	94
Fotografia 27 – Metralhadoras Browning .30 M1919A6 em posição.....	95
Fotografia 28 – Montese.....	95

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACP – Automatic Colt Pistol
B.A.R. ou BAR – Browning Automatic Rifle
BMG – Browning Machine Gun
Btl – Batalhão
C – centígrado
Cia – Companhia
cm – centímetro
Cmt – comandante
C.S.R.G. – Chauchat, Suterre, Ribeyrolle et Gladiator
DI ou D.I. – Divisão de Infantaria
DIE ou D.I.E. – Divisão de Infantaria Expedicionária
FEB ou F.E.B. – Força Expedicionária Brasileira
FM – Fuzil-Metralhador (ou, Fuzil-Metralhadora)
Gen – general
HB – Heavy Barrel
HE – High Explosive
HEAT – High Explosive, Anti-Tank
km – quilômetro
M – Modelo
m – metro
mm - milímetro
Mk – Mark
No – Number
N° - número
NATO – North Atlantic Treaty Organization
PBS – Peninsular Base Section
QOE – Quadros de Organização do Exército
RI ou R.I. – Regimento de Infantaria
SMLE – Short, Magazine, Lee-Enfield
TNT – Trinitrotolueno
V. Ex^a – Vossa Excelência
WP – White Phosphorus

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 ARMAMENTO LEVE DA INFANTARIA NORTE-AMERICANA NA EUROPA....	14
2.1 FUZIL “SPRINGFIELD M1903”	14
2.2 FUZIL “M1 GARAND”	20
2.3 SUBMETRALHADORA “THOMPSON”	24
2.4 SUBMETRALHADORA “M3”	32
2.5 CARABINA “.30 M1”	32
2.6 PISTOLA “COLT 1911A1”	35
2.7 “FUZIL AUTOMÁTICO BROWNING”	39
2.8 METRALHADORA “BROWNING PONTO TRINTA”	43
2.9 LANÇA-ROJÃO 2.36 (“BAZUCA”)	45
2.10 GRANADAS DE MÃO	49
2.11 GRANADAS DE FUZIL	50
3 AS ARMAS DA INFANTARIA DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA....	53
3.1 O ARMAMENTO DA INFANTARIA BRASILEIRA ANTES DA FEB	53
3.2 A PREPARAÇÃO DA FEB NO BRASIL	54
3.3 A CHEGADA DA FEB NA ITÁLIA: ARMAMENTO, EQUIPAMENTO E INSTRUÇÃO	55
3.4 O EMPREGO DO ARMAMENTO NORTE AMERICANO PELA INFANTARIA DA FEB, NO TEATRO DE OPERAÇÕES ITALIANO	60
3.4.1 Fuzis Springfield M1903 e M1 Garand	62
3.4.2 Submetralhadoras Thompson e M3	64

3.4.3 Carabina .30 M1.....	67
3.4.4 Pistola Colt 1911A1.....	68
3.4.5. Fuzil-metralhador B.A.R.....	70
3.4.6 Metralhadora Browning .30.....	71
3.4.7 Lança-rojão 2.36.....	72
3.4.8 Granadas de mão e de fuzil.....	74
4 CONCLUSÃO.....	78
REFERÊNCIAS.....	80
ANEXO - Ilustrações.....	83

1 INTRODUÇÃO

O tema proposto para este trabalho é o armamento leve empregado pela Infantaria da Força Expedicionária Brasileira no Teatro de Operações da Itália, em 1944 e 1945, durante a Segunda Guerra Mundial.

Nesse conflito, o Brasil consagrou-se como a única nação latino-americana a enviar uma tropa constituída para combater naquele conflito: a Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Formada por três Regimentos de Infantaria (o 1º, o 6º e o 11º), quatro Grupos de Artilharia, uma Companhia de Engenharia, um Esquadrão de Reconhecimento (Cavalaria), um Batalhão de Saúde, unidades de Comando e Estado-Maior e elementos de “tropa especial” (Companhias de Quartel-General, de Manutenção, de Intendência e de Transmissões, Pelotão de Polícia e Banda de Música Divisionária), compondo a 1ª Divisão de Infantaria Divisionária (1ª DIE), além de órgãos “não divisionários” (como a representação do Banco do Brasil), totalizando 25.334 integrantes, sob o comando do General-de-Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes.

Organizada a partir da Portaria Ministerial nº 47-44, de 9 de agosto de 1943, conforme relata seu comandante (MORAES, 2005), a FEB teve que ser formada e preparada em reduzido espaço de tempo, logrando embarcar seu primeiro escalão, rumo ao Teatro de Operações italiano, em 2 de julho de 1944.

Para tanto, imensas dificuldades tiveram que ser superadas, em todos os aspectos, a começar pela própria concepção doutrinária, visto que o Exército Brasileiro moldava-se pelos ensinamentos da Missão Militar Francesa e, para integrar-se às Forças Aliadas, devia adaptar-se à organização e ao pensamento militar norte-americano.

Outra dificuldade a vencer foi a seleção física do pessoal, pois, conforme relata Moraes (Ibid., p. 28),

o brasileiro, de um modo geral, não é um homem robusto, embora seja resistente. A esse embaraço inicial adicionava-se a necessidade de uma seleção, visando à escolha de homens aptos para o combate em clima e ambiente totalmente diversos daqueles a que estavam habituados. A questão da robustez física do expedicionário era, em última análise, fundamental.

Além dessas dificuldades, somava-se a inexistência de um uniforme adequado ao futuro teatro de operações e a absoluta insuficiência de equipamento e armamento norte-americano, bem como pessoal especializado para preparar a tropa:

Antes da Segunda Guerra Mundial, o Exército Brasileiro adquiria a totalidade de seu aparelhamento bélico na Europa, o que significa afirmar que não havia, entre os reservistas convocados e os soldados aproveitados na FEB, elementos que houvessem visto, pelo menos, o material que iriam utilizar. Mesmo entre os oficiais, aqueles que o conheciam constituíram uma minoria insignificante. [...] Quanto às modificações a introduzir no equipamento dos corpos de Infantaria, releva citar que o armamento era desconhecido entre nós, tais como o fuzil Garand, o morteiro de 60mm, a bazuca, a metralhadora leve ponto trinta, o canhão anticarro de 57mm e o obus de 105mm. Além do armamento, as unidades de Infantaria não conheciam os aparelhos de radiofonia, telefonia e radiotelegrafia, tudo reclamando, além da robustez física indispensável, a formação de equipes homogêneas e o conhecimento individual de técnica de manejo e emprego. (MORAES, 2005, p. 29-30)

Relembrando aquele período, o coronel Joaquim Victorino Portella Ferreira Alves, que integrou a FEB como capitão, exercendo a função de oficial de ligação da Artilharia junto às unidades de Infantaria da 1ª DIE, ressalta, em seu relato para a “História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial”, as dificuldades para a preparação da tropa, destacando que:

A Infantaria, sobre quem recai, no campo-de-batalha, a responsabilidade máxima das operações e cuja instrução é a mais complexa e difícil, sofria muito mais que as outras Armas, em virtude da grandeza de seus efetivos (BIBLIEX, 2001, v. 4, p. 124).

Mercê dessas dificuldades, em especial no que tange ao armamento, a FEB embarcou para o Teatro de Operações italiano sem estar devidamente adestrada, conforme deixa claro Fernandes (2011, p. 31), ao observar que:

O aprestamento da infantaria, no Rio de Janeiro, não se realizaria, porém, com qualquer das armas de emprego efetivo pelos Estados Unidos na guerra. Só lá os pracinhas se familiarizaram com o fuzil americano *Springfield* e com o automático *Garand*, aliás, muito pouco distribuído aos brasileiros, ao contrário das unidades americanas e até mesmo dos *partigiani*, com as submetralhadoras *Thompson*, com as carabinas e com as metralhadoras de tripé e reparo, “ponto 30” e “ponto 50”.

Nesse contexto, considerando-se, como declara Campos (1984, p. 20), que “todo o material bélico e viaturas, foram fornecidos pelos americanos, assim como a gasolina para as viaturas e fogões de campanha”, este estudo propõe, como problema a ser investigado, identificar quais armas de fogo foram efetivamente empregadas pela Infantaria brasileira no

Teatro de Operações da Itália (1944-1945), na Segunda Guerra Mundial e como foi o relacionamento dos “pracinhas” com esse material.

A justificativa para a realização deste estudo evidencia-se na pouca representatividade de publicações versando sobre os equipamentos e armamentos utilizados pela Força Expedicionária Brasileira.

Corroborando essa assertiva, observa-se que, recentemente, o Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército – CEPHiMEx (2012, p. 48), pronunciou-se especificamente a esse respeito, ao considerar que

embora exista vasta bibliografia descrevendo as ações da Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a Segunda Guerra Mundial, pouco se conhece sobre os locais onde elas ocorreram no contexto do Teatro de Operações do Mediterrâneo. Menos ainda foi publicado, mostrando e detalhando os **equipamentos utilizados pela FEB e seu emprego em combate**, o mesmo ocorrendo com as Unidades inimigas (loc. cit., grifo nosso).

De fato, ao debruçar-se sobre a literatura existente sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, composta, em sua maioria, por relatos de ex-combatentes de todos os níveis hierárquicos, de correspondentes de guerra que acompanharam a FEB e mesmo de alguns historiadores, constata-se que poucas menções são feitas ao armamento utilizado.

Essa constatação causa perplexidade, visto que a arma é a ferramenta do soldado, fundamental para o cumprimento de sua missão de combate. Não é possível conceber a ideia de um confronto bélico sem a presença de algum tipo de armamento, conforme assevera Barroso (1951 apud CASTRO; BITTENCOURT, 1991, p. 2, grifo nosso) ao considerar que “a Armaria representa papel preponderante na história de todos os povos... Não há história sem feitos militares. **Não há feitos militares sem armas**”.

Assim, ainda que o armamento norte-americano utilizado naquele conflito seja bastante conhecido, são poucas as fontes que citam a utilização efetiva desses armamentos pelas tropas expedicionárias brasileiras, como se deu o adestramento, a forma como os combatentes lidavam com eles, suas considerações acerca de seu desempenho e o quanto esse armamento contribuiu, positiva ou negativamente, para o cumprimento das missões da FEB.

A opção pela Infantaria, justifica-se pelo fato de que nenhum combatente depende

tanto de seu armamento individual para cumprir sua missão quanto o infante, o homem do fuzil e da granada, mestre do combate aproximado.

Na guerra moderna, caracterizada pelo emprego combinado das Armas, pelas máquinas de combate, foguetes e mísseis de longo alcance, acionados pelo simples toque de um botão, muitos tendem a desconsiderar sua importância.

A estes, Weeks (1974, p. 74) relembra a sentença, atribuída a um oficial americano, de que “vocês podem ter bombas atômicas, tanques e aviões, mas, apesar disso, vocês ainda precisam do sujeito com um fuzil e uma baioneta, que é quem arranca o inimigo da toca e o obriga a assinar o Tratado de Paz”.

Na FEB, coube à sua Infantaria a missão de cerrar sobre o inimigo, expulsá-lo de suas posições, escalar e combater nas íngremes e firmemente defendidas encostas dos Apeninos, manter as posições duramente conquistadas, patrulhar a “terra de ninguém”, executar “golpes de mão”, repelir contra-ataques, defender-se das incessantes investidas do inimigo e, por fim, persegui-lo, cercá-lo e capturá-lo.

Precisamente esse, nas palavras de Paes (1991, v. 1, p. 222) “...é o papel da Infantaria... Arma do sacrifício”.

Sacrifício que se comprova, conforme atesta o próprio comandante da Força Expedicionária Brasileira, em “A FEB por seu Comandante” (MORAES, 2000, p. 314-315), ao registrar que dos 443 mortos da FEB, 371 pertenciam aos três Regimentos da Infantaria Divisionária. E que dentre as baixas sofridas (considerando-se a soma de mortos, feridos, acidentados, doentes, desaparecidos e capturados pelo inimigo), a Infantaria contribuiu com 94,75% do total, durante o seu período de emprego em combate.

Além disso, é relevante observar que o armamento leve utilizado pela Infantaria da FEB também o foi pelas demais Armas combatentes. Embora estas dispusessem de armamentos e equipamentos específicos para o cumprimento de suas missões precípuas (como peças de artilharia, blindados, pontes, pontões, embarcações, rádios, telefones e muitos outros mais), seus combatentes também utilizavam as mesmas armas portadas pelos infantes, para defesa pessoal, proteção de suas posições e qualquer outra missão onde uma arma leve fosse necessária.

Assim, este estudo tem o objetivo de apresentar o armamento de infantaria norte-

americano empregado no Teatro de Operações europeu, na Segunda Guerra Mundial, com seu histórico e características técnicas, buscando, em seguida, evidenciar a utilização dessas armas pelos “pracinhas” da Infantaria Divisionária Brasileira, apresentando suas considerações sobre o mesmo, sua adaptação e as dificuldades encontradas em seu uso, concluindo sobre a influência deste nas ações realizadas pela Força Expedicionária Brasileira.

Para alcançar os objetivos propostos, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, inicialmente buscando identificar o armamento leve utilizado pelas tropas norte-americanas no Teatro de Operações europeu, na Segunda Guerra Mundial, suas características técnicas e o histórico dessas armas.

Em seguida, buscou-se identificar e confirmar o uso desse armamento pela Infantaria Expedicionária Brasileira no Teatro de Operações da Itália, no período de 1944 e 1945, baseando-se, para isso, nos relatos deixados, em livros e fotografias, pelos ex-integrantes da FEB e pelos correspondentes de guerra brasileiros que acompanharam o desenrolar das operações de combate.

Por fim, com base nas mesmas fontes, buscou-se identificar as considerações dos combatentes brasileiros pelo armamento utilizado, avaliando a influência que essas armas tiveram nas ações realizadas pela Força Expedicionária Brasileira naquele ambiente operacional.

Em prosseguimento, será apresentado, neste trabalho, o resultado obtido na pesquisa acerca dos armamentos de Infantaria utilizados pelos Estados Unidos da América no Teatro de Operações europeu, na Segunda Guerra Mundial.

A seguir, serão apresentados e discutidos os aspectos referentes ao recebimento, adestramento, emprego e considerações sobre esse armamento, entrevendo sua importância nas ações realizadas pela Infantaria Divisionária da FEB.

Por fim, serão apresentadas as conclusões acerca do tema desenvolvido neste estudo.

2 ARMAMENTO LEVE DA INFANTARIA NORTE-AMERICANA NA EUROPA

Ao considerar-se que a FEB, sendo integrada ao V Exército, Grande Unidade pertencente ao Exército dos Estados Unidos da América, foi armada e equipada com material oriundo daquele país, cumpre, inicialmente, apresentar o armamento utilizado pela Infantaria norte-americana, o qual foi estendido aos infantess brasileiros.

Conforme relatam diversos autores, como Rabbit et al. (2002), Weeks (1974) e Paula Neto (2014b), as armas leves utilizadas pelos combatentes da Infantaria norte-americana no Teatro de Operações europeu na Segunda Guerra Mundial foram, basicamente, o fuzil de ferrolho *Springfield M1903*, o fuzil semiautomático *M1 Garand*, a carabina *.30 M1*, as submetralhadoras *Thompson* e *M3*, o Fuzil Automático *Browning M1918A2*, a pistola semiautomática *Colt 1911A1* e a metralhadora *Browning .30 M1919*, além de granadas de mão e de fuzil e do lança-rojão 2.36 (popularmente conhecido como “bazuca”).

Sabe-se que a Infantaria norte-americana também utilizava outras armas, como as metralhadoras *Browning .30 M1917* (pesada, refrigerada a água), a metralhadora pesada *Browning .50 M2 HB*, os morteiros de 60mm e 81mm, canhões anticarro de 57mm e até mesmo obuseiros orgânicos de suas Unidades. Todavia, essa classe de armas, empregadas por guarnições de apoio e normalmente utilizadas em posições mais à retaguarda, fogem do escopo deste trabalho.

Da mesma forma, Weeks (1974) informa que, no Teatro de Operações do Pacífico, foram utilizadas outras armas leves, em quantidades limitadas, em especial pelos integrantes do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, como o fuzil semiautomático e a metralhadora leve *Johnson M1941* e a submetralhadora *Reising M50*. Porém, não há relatos do emprego dessas armas no Teatro de Operações Europeu, pelo qual não foram citadas neste estudo.

2.1 FUZIL “SPRINGFIELD M1903”

O fuzil é o armamento básico do combatente de Infantaria. Disparando uma munição potente e precisa, é capaz de atingir com precisão um alvo a mais de 600 metros.

Equipado com uma baioneta, é também uma arma de choque. E, com um acessório simples, pode lançar uma granada a maior distância e com mais precisão do que uma lançada com a mão.

O fuzil *Springfield Modelo 1903* (ou, simplesmente, *Springfield M1903*), mostrado na Fotografia 1, é um fuzil de repetição manual, com ação de ferrolho (tipo *Mauser*), calibre *.30-06 Springfield* (7,62x63mm ou, simplesmente, *.30-06*), capacidade para cinco cartuchos em carregador fixo de conformação bifilar, alimentação através de clipe com cinco cartuchos, coronha de madeira e cano com 24 polegadas (609,6mm) de comprimento, raiado com duas (ou quatro) raias em passo de 1:10" (ou seja, o raiamento executa uma volta completa a cada 10 polegadas de cano), conforme dados fornecidos por Zanotta (1994).

No sistema de funcionamento de repetição manual, com ação de ferrolho, o atirador realiza manualmente todas as operações para o funcionamento da arma. Assim, após disparar, pressionando o gatilho, deve:

- levantar a alavanca do ferrolho, destrancando-o (momento em que, no sistema *Mauser*, o percussor é armado);
- trazê-lo totalmente à retaguarda (quando o estojo deflagrado é extraído da câmara e ejetado da arma);
- empurrá-lo novamente para a frente (assim, o ferrolho empurra um novo cartucho, disponibilizado pelo depósito, para o interior da câmara);
- por fim, abaixar a alavanca do ferrolho (trancando-o e habilitando o mecanismo de disparo).

Nesse momento, a arma está pronta para ser disparada novamente, bastando, ao atirador, pressionar o gatilho.

Com um comprimento total de 1.097,6 mm e pesando 3,94 kg, descarregado e sem baioneta (ZANOTTA, Ibid.), o *Springfield M1903* foi fortemente inspirado no fuzil *Mauser Modelo 1898*, apresentando características muito similares a essa arma, como:

- os ressaltos de trancamento do ferrolho duplos, localizados junto à face deste;
- o sistema de extração, com atuação através de um dos ressaltos de trancamento;

- o sistema para armar o percussor, através do levantamento da alavanca do ferrolho;

- a trava, do tipo giratório, com três posições (à esquerda, destravada; ao centro, travada, permitindo o movimento do ferrolho; à direita, travada, sem permitir o movimento do ferrolho);

- o carregador (depósito) fixo, de conformação bifilar;

- o sistema de municiação por clipe (ou “grampo”) de carga.

Zanotta (1994) aponta que, entre as principais diferenças em relação a seu inspirador, dignas de nota, podem-se citar: o comprimento do cano, a existência de um depósito para aplicador de lubrificante na coronha (com acesso através da chapa da soleira), a guia do percussor e o retém do curso do ferrolho.

No fuzil *Mauser M1898*, a guia do percussor é lisa. Assim, ocorrendo falha de percussão da munição, caso o atirador deseje rearmar o percussor para tentar um novo disparo, necessita levantar a alavanca do ferrolho e tornar a abaixá-la. No *Springfield M1903*, a guia do percussor é recartilhada, possibilitando ao atirador simplesmente puxá-la para trás para rearmar o percussor.

Quanto ao retém do curso do ferrolho, no fuzil *Mauser* essa peça, situada na lateral traseira esquerda do receptor, serve apenas para a retirada do ferrolho, para limpeza ou manutenção. No fuzil *Springfield M1903*, essa peça, possui três posições:

- na posição superior (onde se lê a inscrição “ON”), o ferrolho atua de forma convencional, chegando totalmente à retaguarda e permitindo a ejeção do estojo deflagrado e a alimentação de um novo cartucho;

- na posição central, é possível a retirada normal do ferrolho;

- na posição inferior (quando surge a inscrição “OFF”), o curso do ferrolho é menor, sendo possível ejetar o estojo deflagrado, mas não permitindo a alimentação de um novo cartucho. Esse dispositivo permite ao atirador municiar a arma manualmente, disparando-a tiro a tiro, mantendo o depósito permanentemente completo para uso normal.

O municiação do depósito é realizado com o auxílio de um clipe de carga que contém cinco cartuchos. Para tanto, o atirador deve abrir totalmente o ferrolho e inserir o clipe

em um recorte no receptor, empurrar manualmente os cartuchos para o interior do depósito, retirar o clipe vazio e fechar o ferrolho, inserindo um cartucho na câmara e deixando o fuzil pronto para o tiro.

Todavia, ainda que o clipe facilite a operação de municiação da arma, não é imprescindível para tal. Se o atirador dispor da munição solta, pode inserir manualmente os cartuchos, um a um, no depósito. Da mesma forma, pode recompletar a capacidade do depósito, inserindo individualmente os cartuchos que faltam para completá-lo.

Como acessórios, esse fuzil possuía bandoleira (para transporte no ombro ou à tiracolo) e a baioneta modelo *M1905*, com lâmina de 16 polegadas (aproximadamente 40 centímetros), podendo, também, utilizar a baioneta *M1* do fuzil *M1 Garand*, com lâmina de 10 polegadas (25 centímetros), pois os encaixes eram os mesmos.

Posteriormente, em 1941, conforme Inert-Ord (2014), foi desenvolvido um bocal lançador de granadas de fuzil (denominado *M1*). Adaptado à boca do cano, possibilitava ao atirador, utilizando um cartucho especial (sem projétil) denominado *M3*, arremessar um artefato explosivo até cerca de 160 metros. O uso desse dispositivo era similar àqueles utilizados pelo fuzil *M1 Garand*, o qual será apresentado posteriormente.

A história do fuzil *Springfield M1903*, relatada por Zanotta (1994), inicia-se em 1892, quando o Exército dos Estados Unidos adotou o fuzil *Krag-Jorgensen*, em substituição ao fuzil *Springfield Trapdoor*, de um único tiro (monotiro), em calibre *45-70*, que ainda utilizava cartuchos carregados com pólvora negra.

O fuzil *Krag-Jorgensen*, em calibre *.30-40*, possuía um depósito para cinco cartuchos e seu mecanismo de repetição manual era do tipo ferrolho de giro. O municiação era feito através de uma tampa lateral, inserindo os cartuchos um a um, e possuía uma chapa superior deslizante que permitia ao atirador carregar a arma manualmente, tiro a tiro, sem utilizar a munição do depósito.

Ainda que fosse uma grande evolução, em relação a seu antecessor, essa arma rapidamente apresentou problemas, quando empregada em combate real. Isso evidenciou-se durante a Guerra Hispano-Americana, em 1898, quando 700 espanhóis entrincheirados na Colina de San Juan, em Cuba, enfrentaram 15.000 soldados norte-americanos.

A tropa americana, atacante, constituída por tropas regulares do Exército, armados

com fuzis *Krag-Jorgensen*, e elementos da Guarda Nacional, equipados com os obsoletos fuzis *Springfield Trapdoor*, enfrentou os defensores espanhóis, que utilizavam o fuzil *Mauser Modelo 1893*, em calibre *7x57mm* – “arma altamente precisa, rápida e facilmente remuniada com ‘clips’ de 5 cartuchos”, no dizer de Zanotta (1994, p.40).

Apesar dos norte-americanos vencerem a batalha, face à grande superioridade numérica, sofreram mais de 1.400 baixas. Esse resultado evidenciou que os Estados Unidos da América necessitavam, urgentemente, equipar suas tropas com um novo fuzil que competisse, ao menos em igualdade de condições, com o *Mauser*.

Nesse mesmo ano (1898), os alemães lançaram o *Mauser Modelo 1898*, em duas versões: fuzil (“*Gewehr*”) *G-98*, com cano de 29,1 polegadas, destinado à Infantaria, e carabina (“*Karabiner*”) *Kar-98*, com cano de 22 polegadas, destinado à Cavalaria e tropas especiais, como as guarnições de veículos.

Empregando o cartucho regulamentar alemão em calibre *7,92x57mm* (também denominado *8x57mm*, *7,92 Mauser* ou, ainda, *8mm Mauser*), foi considerado, pelo Departamento de Material Bélico norte-americano, o melhor fuzil de sua categoria então existente, reputação que mantém até os dias de hoje.

Os engenheiros norte-americanos, então, projetaram um novo fuzil simplesmente copiando o *Mauser M1898* e acrescentando modificações próprias. Zanotta (Ibid.) declara que até mesmo a nova munição (denominada “.30-03”), com estojo sem aro e projétil de .318 polegadas de diâmetro foi inspirado no cartucho *7,92x57mm* da época, com projétil bi-ogival (“*round-nose*” ou ponta arredondada). A fim de evitar problemas legais, foram pagos, à época, US\$ 200.000,00 de *royalties* aos alemães.

O consagrado Arsenal Springfield foi encarregado de desenvolver o novo fuzil, que, empregando o novo cartucho *.30-03*, foi oficialmente adotado em 1903, com a designação “*U.S. Magazine Rifle, Cal. .30, Model of 1903*”, mais conhecido como “*Springfield Modelo 1903*”, em alusão ao estabelecimento produtor e ao ano de adoção.

A opção pelo comprimento de cano de 24 polegadas tinha a finalidade de permitir a utilização de uma mesma arma tanto para a Infantaria quanto para as demais tropas, como a Cavalaria, a exemplo do fuzil inglês *SMLE No 1 Mark 1*.

Em 1905, os alemães desenvolveram um novo tipo de munição para seus fuzis

Mauser, com projétil pontiagudo (“*spitzer*”), mais leve. Em consequência, em 1906, os norte-americanos desenvolveram munição semelhante, aperfeiçoando o cartucho *.30-03*, mantendo o mesmo calibre, com estojo 0,07 polegada (1,7mm) mais curto e com projétil de menor peso e ponta ogival (pontiagudo), que desenvolvia uma velocidade inicial de 2.700 pés por segundo na saída do cano de 24 polegadas do fuzil *Springfield M1903*. As armas existentes foram, então, recolhidas e redimensionadas para a nova munição.

O novo cartucho desenvolvido, denominado “*.30-06 Springfield*” (7,62x63mm, ou, simplesmente “ponto trinta”) foi a munição padrão das forças norte-americanas, para seus fuzis, fuzis-metralhadores e metralhadoras, até a adoção do 7,62x51mm, na década de 1950.

Com essa nova configuração, o fuzil *Springfield M1903* teve seu “batismo de fogo”, com pleno sucesso, na campanha contra os rebeldes “*moros*”, nas Filipinas, e foi empregado, nas mesmas condições, contra o caudilho mexicano Pancho Villa, quando este invadiu o Estado americano do Novo México, em 1916.

Em 1917, quando os Estados Unidos entraram efetivamente na Primeira Guerra Mundial, não havia quantidade suficiente de fuzis *Springfield M1903* para suprir a demanda. Assim, aproveitando que as fábricas de armas Remington, Winchester e Eddystone haviam produzido grande quantidade de fuzis *Lee-Enfield Mark III – Modelo 14* para a Inglaterra, foi adotada a solução emergencial de realizar algumas modificações nessa arma (em especial, alterando o calibre inglês *.303 British* para o *.30-06 Springfield* americano), batizando-a *Enfield M1917* e emprega-la junto com o seu fuzil padrão.

Após a Grande Guerra, o *Springfield M1903* permaneceu como fuzil padrão do Exército norte-americano, mas, a partir de 1936, com a adoção do fuzil semiautomático *M1* (mais conhecido como “*Garand*”), foi sendo gradualmente substituído.

Weeks (1974), relata que os *Springfields* continuaram em uso até 1945, mas em escala cada vez menor, pois quando os Estados Unidos entraram na guerra, quase toda sua Infantaria já estava equipada com o *Garand*. Todavia, ressalva que

na realidade, as primeiras batalhas da Guerra do Pacífico foram travadas com o velho fuzil Springfield, de ação manual de ferrolho, já que nem os soldados do exército regular nas Filipinas nem o Corpo de Fuzileiros Navais haviam ainda recebido os Garands. (WEEKS, 1974, p. 83)

Zanotta (1994) ainda informa que o *Springfield M1903* continuou sendo utilizado até a

Guerra da Coreia, na versão *M1903A4* (equipado com luneta) por atiradores de elite (também conhecidos como atiradores de escol, franco-atiradores ou “*snipers*”), após a qual foi definitivamente “aposentado”.

2.2 FUZIL “M1 GARAND”

Paula Neto (2014h) ensina que o *M1 Garand* (visualizado na Fotografia 2), formalmente denominado “*U.S. Rifle Caliber .30, M1*”, é um fuzil de repetição semiautomática por ação dos gases sobre um êmbolo. Pesa em torno de 4,370 kg, descarregado, e mede 110 cm de comprimento total.

Em calibre *.30-06 Springfield (7,62x63mm)*, tem capacidade para oito cartuchos em carregador destacável metálico, tipo clipe bifilar, específico para a arma, denominado *M1* (Fotografia 3). Possui coronha de madeira e cano com 24 polegadas (609,6mm) de comprimento, raiado com 4 quatro raias com giro à direita (destrógiro), em passo de 1:12” (ou seja, o raiamento executa uma volta completa a cada 12 polegadas de cano).

Esclarecendo, no sistema de funcionamento semiautomático (ou, de “carregamento automático”), quando a arma é disparada, o mecanismo realiza, automaticamente, todas as operações necessárias para um novo disparo, ejetando o estojo deflagrado, municiando a câmara com um novo cartucho e rearmando o mecanismo de disparo.

O atirador deve, então, aliviar a pressão sobre o gatilho e pressioná-lo novamente para que a arma dispare outra vez e o ciclo reinicie, até que a munição contida no depósito se esgote.

Paula Neto (Ibid.) relata que o fuzil *M1* foi desenvolvido pelo projetista Jean Cantius Garand, natural de Quebec, Canadá, o qual, ao emigrar com a família para os Estados Unidos da América, naturalizou-se norte-americano, mudando seu nome para John Cantius Garand. Trabalhando no Arsenal de Springfield, começou a desenvolver o fuzil que leva seu nome ainda na década de 1920.

Esse autor (op. cit.) ensina que o sistema de funcionamento do fuzil *M1* se baseia no aproveitamento parcial dos gases oriundos da combustão do propelente (pólvora) da

munição, tomados através de um orifício bem próximo à boca do cano, na parte inferior deste.

Quando o projétil disparado passa por esse orifício, parte dos gases que o impulsionam penetram nesse orifício, entrando em um cilindro vedado, onde se move um êmbolo. Este é pressionado para trás, recuando cerca de uma polegada e impulsionando uma espécie de varão que, ligado ao ferrolho, o faz girar cerca de 20 graus, fazendo com que seus ressaltos de trancamento saiam dos respectivos alojamentos, destrancando-o e fazendo-o mover-se para trás.

Neste movimento, o ferrolho extrai e ejeta o estojo vazio, enquanto rearma o mecanismo de disparo. Ao ser impulsionado para frente, por ação de sua mola recuperadora, retira um cartucho do clipe e o insere na câmara, fechando a arma e, girando novamente, reinsere seus ressaltos de trancamento nos seus alojamentos, trancando-se e deixando a arma em condições para um novo disparo.

Esse ciclo se repete a cada vez que o atirador pressiona o gatilho, enquanto houver munição na arma. Quando o último cartucho é disparado, o clipe é ejetado para o alto e o ferrolho permanece aberto, indicando ao atirador a necessidade de remuniciar o fuzil.

Os primeiros protótipos do fuzil *M1*, em calibre *.276 Pedersen*, foram apresentados, em 1929, para avaliação pelo “*Aberdeen Proving Group*” (ou, “Campo de Provas de Aberdeen”, órgão governamental para testes e aprovação de armas destinadas às Forças Armadas norte-americanas).

Weeks (1974) relata que as avaliações realizadas foram favoráveis, sendo endossadas pelo General Douglas MacArthur, o qual exercia uma função de chefia em Aberdeen. Este estipulou, porém, que deveria ser mantido o calibre regulamentar “*.30-06 Springfield*”, o que revelou-se uma decisão acertada, face aos imensos estoques dessa munição. Além disso, o clima financeiro da época poderia inviabilizar a adoção de uma nova arma, caso viesse a ser cogitado outro tipo de munição.

Assim, conforme Paula Neto (2014h), o fuzil *M1* foi oficialmente adotado pelo Governo Norte-Americano em 9 de janeiro de 1936, tornando-se o primeiro fuzil semiautomático a ser adotado como armamento regulamentar por qualquer país do mundo.

Foram produzidas algumas variantes, em número limitado, como o modelo *M1E2* (com montagem para luneta), o *M1E5* (com cano mais curto e coronha dobrável, para

paraquedistas e guarnições de carros de combate) e o *M1E6* (para atiradores de precisão).

Após a Segunda Grande Guerra, o *M1* continuou sendo produzido até 1965, embora tenha sido substituído, como arma regulamentar no Exército dos Estados Unidos, em 1959, pelo fuzil *M14*.

O ponto controverso desta arma é o sistema de municionamento adotado, constituído de um clipe metálico, similar aos do sistema *Mannlicher*, que comporta a carga de oito cartuchos e deve ser inserido completo no depósito.

Esse clipe (apresentado na Fotografia 3) pode ser inserido por qualquer lado, indistintamente, pois suas extremidades são idênticas. Cada atirador recebia sua quota de munição já devidamente inserida nos cliques e este era descartado durante a ação. Todavia, em caso de necessidade, podia ser remunicionado manualmente e reaproveitado.

A questão, conforme Paula Neto (2014h), é que apesar desse clipe funcionar bem, não permitia o remunicionamento parcial enquanto estivesse inserido no depósito, sendo necessário ejetar o clipe incompleto (para isso, existe um botão na lateral esquerda do receptor) e colocar outro com a carga completa, ou recompletá-lo manualmente, reinserindo-o na arma.

Da mesma forma, o fuzil não podia ser utilizado de forma normal sem ele. Ou seja, sem o clipe, a arma funcionava unicamente tiro a tiro, sendo necessário que o atirador inserisse os cartuchos manualmente, um a um, diretamente na câmara. No dizer de Weeks (1974, p. 86), “ou se colocava um clipe completo, ou não se colocava nada”.

Paula Neto (Ibid.) questiona a opção de Garand em adotar esse sistema, recordando que “já existiam há mais de 10 anos projetos utilizando carregadores destacáveis e de mais capacidade, bem mais práticos e eficientes, tal como o que se usava em outra arma já adotada pelos USA: o Fuzil Automático Browning”.

Weeks (1974, p. 85) também considera essa questão, observando que

a crítica mais frequente ao Garand relaciona-se com seu carregador e seu método de carga. Neste ponto, parece que J. Garand perdeu a oportunidade de ser perfeito. É bem possível que ele estivesse preocupado com o peso (pois o fuzil descarregado pesa 4,275 kg), ou talvez não quisesse engatar uma caixa de metal vulnerável que se projetasse por baixo do suave contorno da coronha. Seja qual a razão, absolutamente certo ele não estava, e é uma pena que o exército dos Estados Unidos não tivesse pedido a mudança do carregador quando aprovou a arma.

Outra questão relacionada ao clipe era o ruído característico, metálico e bem audível, que produzia por ocasião de sua expulsão da arma (soando como um “plim”). Tandler (1995, p. 42) afirma que essa característica “pode ser considerada negativa em batalha, já que o inimigo acaba por saber que acabou a munição do Garand e que haverá necessidade de recarregar”.

Corroborando essa afirmação, Paula Neto (2014h) observa que há relatos de combatentes, durante a Segunda Guerra Mundial, que afirmavam ser esse ruído rapidamente assimilado pelos oponentes como um sinal de que a arma estava sem munição, os quais podiam aproveitar-se desse momento para atacar.

Mito ou realidade, de fato houve experiências no desenvolvimento de cliques plásticos ou revestidos, a fim de minimizar o ruído, mas isso, de fato, nunca ocorreu.

Dentre os acessórios, o fuzil *M1* possuía, além da bandoleira para transporte, uma baioneta, denominada *M1*, com 10 polegadas de lâmina (aproximadamente 25 centímetros), mais adequada para o tipo de combates da Segunda Guerra Mundial que a *M1905*, que equipava originalmente os fuzis *Springfield M1903*.

Todavia, ambas podem ser utilizadas, indistintamente, nas duas armas, visto que o encaixe foi mantido igual. Segundo Paula Neto (Ibid.), havia também a menos frequente baioneta *M5*, idêntica à *M1*, mas com 15 centímetros de lâmina.

Ainda, o *M1* podia ser equipado com dispositivos para lançamento de granadas, acoplados na boca do cano e fixados através do mesmo trilho e engate onde se instalava a baioneta. Paula Neto (Ibid.) informa que três modelos de lança-granadas podiam ser instalados no fuzil *Garand*: o *M1*, o *M2* e o *M7*, mostrado na Figura 1.

Para o lançamento de granada, era utilizado um cartucho especial (denominado *M3*), semelhante a um cartucho de festim, sem projétil e carregado com uma carga diferenciada de pólvora. Para tanto, o atirador deveria retirar da arma o clipe de munição em uso, inserindo manualmente o cartucho de lançamento.

Paula Neto (Ibid.) ensina que

uma vez montado o dispositivo e bem fixado à arma, a granada era inserida vestindo o tubo ranhurado, que possuía 6 marcações que informavam, aproximadamente, o alcance que a granada atingiria, sempre com a arma posicionada com a soleira da coronha apoiada no chão e o cano numa inclinação de 45°. Essas marcações eram ranhuradas em baixo relevo possíveis de serem identificadas pelo tato, no escuro. Se

5 ranhuras ficassem expostas, o alcance aproximado seria 55 metros, 4 ranhuras para 80 metros, 3 ranhuras para 100 metros, 2 ranhuras para 130 metros e uma ranhura exposta, 160 metros.

Paula Neto (2014h) ressalta que o dispositivo M7 possuía um plugue especial para o cilindro de gás do fuzil, destinado a substituir o plugue original, permitindo o ajuste específico da arma para cada caso: tiro normal ou com o lança-granadas.

Para tanto, esse plugue possuía uma válvula de alívio que possibilitava a saída dos gases para o exterior, quando do lançamento de granada, utilizando munição especial, ou conduzia os gases para o cilindro de gás, quando utilizando munição normal.

Assim, o soldado podia utilizar a arma normalmente, com munição comum, mesmo com o dispositivo lança-granadas montado. Todavia, para o lançamento de granada, era imperativo utilizar a munição específica *M3*, sem projétil.

Por fim, segundo dados de Paula Neto (Ibid.), até o final de sua produção, em 1965, foram construídos cerca de 6.000.000 de fuzis *M1*.

Para Weeks (1974, p. 86), um “recorde para um tipo que passou todo o período em que esteve em ação sem sofrer modificações importantes”. Algo que ele próprio explica, ao confirmar que “era uma excelente arma, altamente segura, exigindo apenas limpeza e lubrificação simples para mantê-la em funcionamento por longo tempo” (WEEKS, 1974, p. 86).

2.3 SUBMETRALHADORA “THOMPSON”

Olive (1993) e Weeks (1974) ensinam que submetralhadoras (ou metralhadoras de mão) são armas que disparam munições utilizadas correntemente por pistolas (como o *.45 ACP* e o *9mm Parabellum*); são capazes de disparar de modo automático (em rajadas), ou permitindo a seleção entre o modo automático e o semiautomático (característica denominada “fogo seletivo”); e, ainda, possuem algum tipo de coronha que possibilite serem disparadas apoiadas no ombro do atirador, diferindo-as das pistolas automáticas, que são armas de mão capazes de realizar o tiro automático.

Em função da munição empregada (desenvolvida para armas de mão) e das características da arma, seu alcance de utilização situa-se em torno de 150 a 200 metros.

Paula Neto (2014g) observa que a submetralhadora *Thompson*, ora enfocada, é uma das armas mais icônicas da história, celebrizada nos filmes de Hollywood, onde aparece nas mãos de gângsters ou policiais, sempre com seu indefectível carregador tipo tambor e punho dianteiro vertical, disparando rajadas intermináveis.

Esse autor (op. cit.) ensina que a *Thompson*, também conhecida por apelidos como “*Tommy Gun*”, “*Chicago Piano*” ou “*Trench Sweeper*”, entre outros, é uma arma capaz de realizar fogo seletivo (automático ou semiautomático), em calibre *.45 ACP (11,43x23mm)*. Em fogo automático (rajada), pode disparar a uma cadência cíclica teórica de 700 a 800 disparos por minuto.

Olive (1993) explica que ela funciona por recuo direto simples do ferrolho, também denominado “*blow-back*” ou ferrolho livre, a partir do ferrolho aberto.

Assim, o atirador insere um carregador municiado em seu alojamento e traciona a alavanca de armar (ou, alavanca de manejo) para a retaguarda, até o ferrolho ficar retido pela armadilha do gatilho. Estando destravada, a arma está pronta para ser disparada.

Ao pressionar o gatilho, a armadilha libera o ferrolho, o qual, impulsionado pela mola recuperadora, lança-se à frente, retirando, em seu avanço, um cartucho do carregador e o inserindo na câmara.

Ao chocar-se contra a câmara, fechando a arma, o martelo é liberado, golpeando o percussor móvel e disparando o cartucho (na *Thompson* modelo *M1A1*, o martelo e o percussor móvel foram substituídos por um percussor fixo ao corpo do ferrolho, formando uma protuberância que esmaga a espoleta do cartucho no momento em que o ferrolho se fecha completamente).

Enquanto o projétil é impulsionado através do cano pela violenta expansão dos gases provenientes da queima da pólvora, deixando a arma, o estojo empurra o ferrolho para a retaguarda (princípio da ação e reação), vencendo a inércia de sua massa e a resistência da mola recuperadora.

Recuando, o ferrolho extrai o estojo vazio, que é ejetado da arma através da janela de ejeção. Atingindo o final de seu curso, o ferrolho, impulsionado pela mola recuperadora,

começa a avançar para a frente.

Nesse momento, se a *Thompson* estiver regulada para o tiro semiautomático (tiro a tiro), a armadilha prende o ferrolho, mantendo-o à retaguarda. Será necessário, ao atirador, aliviar a pressão sobre o gatilho e tornar a pressioná-lo para disparar novamente.

Todavia, se a arma estiver regulada para o tiro automático (rajada), o ferrolho seguirá livre, municando e disparando a arma automaticamente, até que o atirador libere a pressão sobre o gatilho ou que a munição contida no carregador se esgote.

Olive (1993) ensina que a história da Thompson e das submetralhadoras começa durante a Primeira Guerra Mundial, sendo a metralhadora italiana *Villar-Perosa* (também conhecida como *Revelli* ou, ainda, *Fiat*), em calibre *9mm Glisenti*, considerada a precursora das submetralhadoras.

Desenvolvida em 1915, na verdade eram duas armas, montadas lado a lado e alimentadas por carregadores destacáveis para 25 cartuchos, inseridos por cima. Era utilizada como metralhadora leve, mas seu curto alcance e a pequena capacidade dos carregadores, além da elevada cadência de disparo (cerca de 1.000 tiros por minuto) não contribuíram para o seu sucesso.

A primeira submetralhadora de fato, foi desenvolvida pelo projetista alemão Hugo Schmeisser, nas fábricas Theodor Bergmann, nas cidades de Suhl e Gaggenu, sendo distribuída às tropas alemãs em meados de 1918.

Conhecida, inicialmente, como “*Kugelspritz*” (Espalhadora de Projéteis) ou “*Musquete*” (OLIVE, *Ibid.*, p. 60), a *MP-18* era uma arma em calibre *9mm Parabellum* (*9x19mm*), alimentada pelos mesmos carregadores tipo “caracol” para 32 cartuchos utilizados na pistola *Luger Artilharia*, dotada de coronha de madeira, pesando cerca de 5,32 kg e disparando somente em regime automático, a uma cadência aproximada de 400 tiros por minuto.

Olive (*Ibid.*) relata que foram produzidas cerca de 35.000 armas, as quais se mostraram de grande utilidade para o tipo de combate travado nas trincheiras, a curta distância e em ambientes apertados.

Todavia, talvez pela pequena quantidade de armas distribuídas, por haver sido empregada em um período muito avançado da guerra ou pelos problemas de funcionamento

causados pelo controverso carregador utilizado, é pouco citada pelas publicações militares alemãs da época.

De qualquer forma, segundo o autor citado, seu valor foi reconhecido pelo inimigo, os quais, pelo Tratado de Versalhes, proibiram que fosse adotada pelo novo e reduzido Exército Alemão, permitindo que somente forças policiais utilizassem algumas poucas armas.

Assim, após a Primeira Grande Guerra, as opiniões acerca de armas como a submetralhadora se dividiam, pois muitos comandos militares acreditavam que as condições de combate que se desenvolveram na guerra de trincheiras da Frente Ocidental eram muito específicas e não tornariam a se repetir, não justificando o emprego de uma arma com essas características. Outros, preferiam acreditar no potencial das armas automáticas leves.

Dentre esses entusiastas, encontrava-se, nos Estados Unidos da América, o general da reserva John Tagliaferro Thompson, que coordenava o setor de projetos da empresa *Auto-Ordnance Corporation* e chefiou a equipe que desenvolveu a arma que, embora não tenha sido projetada pessoalmente por ele, foi batizada com seu nome.

Não obstante, tanto Olive (1993) quanto Paula Neto (2014g) creditam ao general Thompson a criação do termo “*submachine gun*” (submetralhadora), até então nunca utilizado para designar uma arma de fogo.

Os primeiros protótipos dessa arma foram produzidos em 1919. Paula Neto (Ibid.) relata tratar-se de uma arma de aparência estranha, alimentada por uma fita de cartuchos, como nas metralhadoras *Browning .30*. Dotada de punhos posterior e anterior verticais (tipo pistola), sem coronha, sem sistema de miras e com uma cadência de disparo de cerca de 1.000 tiros por minuto, era virtualmente incontrolável.

Ainda em 1919, foram elaborados modelos mais aperfeiçoados, designados de *N° 1* a *N° 8*. Nessa evolução, a arma foi assumindo seus contornos definitivos: foi abandonada de vez a alimentação por fita e adotando um sistema que permitia o uso tanto de carregadores destacáveis tipo cofre (retos) ou tipo tambor. Além disso, foi adotada uma coronha de madeira e um sistema de miras e o cano recebeu aletas para facilitar o arrefecimento.

Para reduzir a cadência de disparo, foi adotado um sistema desenvolvido pelo capitão John Bliss, sócio do general Thompson, denominado “*Hesitation Lock System*” e que

consistia em uma peça de bronze no formato da letra “H”, inserido no ferrolho e que, agindo por fricção, retardava um pouco o movimento deste, ao fechar. Dessa forma, a cadência de disparo foi reduzida para mais aceitáveis 800 disparos por minuto.

Esse modelo, segundo Paula Neto (2014g), foi oferecido ao Exército americano, o qual adquiriu algumas unidades, com modificações, mas sem entusiasmo.

O “*Modelo 1921*” apresentou a clássica conformação da arma, permitindo tanto a utilização de destacáveis retos, tipo cofre metálico, com capacidade para 10, 20 ou 30 cartuchos, quanto carregadores metálicos circulares, aqueles que, no dizer de Paula Neto (Ibid.) se tornaram a “marca registrada” da arma.

Tecnicamente conhecidos como “carregadores tipo tambor”, “*drum magazines*” ou, ainda, conforme Abreu e Gazinhato (1991, p. 46) e Paula Neto (Ibid.), “latas de goiabada”, foram desenvolvidos dois modelos para a *Thompson*, com capacidade para 50 ou 100 cartuchos.

Na verdade, eram mecanismos sensíveis, funcionavam por ação de mola de lâmina helicoidal (semelhante à utilizada pelos mecanismos de relógio) e exigiam um certo cuidado no seu manuseio, para reduzir a possibilidade de falhas, sendo que o carregador para 100 cartuchos deixou de ser produzido a partir do modelo de 1928.

Paula Neto (Ibid.) explica que a operação para municiá-los, impressa no próprio carregador, era algo complexa. Inicialmente, retirava-se a tampa lateral. Colocavam-se os cartuchos em pé, um a um, em grupos, seguindo uma ordem estabelecida. Recolocava-se a tampa, fechando-a cuidadosamente. Por fim, dava-se corda no mecanismo, exatamente nove voltas.

Em 1928, a Marinha dos Estados Unidos adquiriu algumas *Thompson* para serem utilizadas pelos Fuzileiros Navais empregados em ação na Nicarágua, as quais causaram excelente impressão a seus operadores, sendo que a partir daí essa arma começou a ser encarada com mais entusiasmo pelas Forças Armadas norte-americanas.

Denominadas “*Modelo 1928*” (Fotografia 4), apresentavam um dispositivo instalado na boca do cano, denominado “compensador”, o qual dirige parte dos gases para cima, para reduzir a tendência da arma em subir, quando em fogo automático, conhecido

como “*Cutts*” (pelo seu projetista, coronel Richard M. Cutts). Ainda, alterações no ferrolho e na mola recuperadora reduziram a cadência de disparo para cerca de 700 tiros por minuto.

Com algumas alterações, que resultaram no “*Modelo 1928A1*”, a Cavalaria do Exército Americano adquiriu várias armas para equipar a guarnição de veículos.

Com o início da Segunda Guerra Mundial na Europa, a demanda por armas cresceu exponencialmente. Inicialmente, os ingleses recusaram a oferta de submetralhadoras *Thompson*, consideradas “armas de gangsters” (OLIVE, 1993, p. 69).

Mas, como cita Paula Neto (2014g), após a fatídica retirada de Dunquerque, mudaram de ideia e solicitaram urgentemente a remessa da maior quantidade de armas possível. Olive (loc. cit.) relata que os pedidos chegaram a 107.500 armas, as quais foram fornecidas através da “Lei de Empréstimo e Arrendamento” (“*Lend-Lease*”).

Logo ficou patente que o projeto do *Modelo 1928A1* não era indicado para a produção em massa que os tempos de guerra exigiam. Assim, foi desenvolvido o chamado “*Modelo 1928A2*”, no qual foi retirado o compensador “*Cutts*” e as aletas do cano. Foram adotadas miras mais simples, algumas peças originalmente usinadas foram substituídas por outras, obtidas pelo processo de estamperia. E o acabamento externo foi simplificado.

Mas, não foi suficiente. Com a entrada dos Estados Unidos na Guerra do Pacífico, onde o ambiente de selva, com seus limitados campos de tiro e a ocorrência de combates a curta distância evidenciaram as qualidades da submetralhadora, a demanda por essas armas cresceu ainda mais.

Desta forma, Paula Neto (Ibid.) observa que buscou-se simplificar ainda mais o *Modelo 1928A2*, desenvolvendo-se o modelo *M1*. Entre as principais alterações, foi eliminado o “*Hesitation Lock System*” e o entalhe para encaixe dos carregadores tipo tambor. A alavanca de manejo foi deslocada do topo para a lateral direita da armação e o sistema de miras foi simplificado, assim como algumas peças menores.

Por fim, desenvolveu-se o modelo *M1A1*, visto na Fotografia 5 e praticamente idêntico ao *M1*, mas com algumas mudanças no mecanismo, das quais a mais notável foi a eliminação do martelo e do percussor móvel, sendo adotado um percussor fixo ao ferrolho.

É interessante salientar que as *Thompson* do modelo *1928A2* e anteriores, podem utilizar tanto os carregadores tipo cofre (retos) quanto os do tipo tambor, indistintamente.

Todavia, os modelos *M1* e *M1A1* somente podem utilizar os carregadores tipo cofre.

A partir de 1942, quando foi adotada a submetralhadora *M3* (apelidada “*Grease Gun*”), a *Thompson* foi sendo paulatinamente substituída por esta, cessando sua produção corrente.

Segundo Paula Neto (2014g), cerca de 515.000 submetralhadoras *Thompson* foram produzidas até o fim da guerra, sendo utilizadas, ainda, no decorrer da Guerra da Coreia.

2.4 SUBMETRALHADORA “M3”

A submetralhadora *Thompson*, no dizer de Paula Neto (Ibid.), era uma arma clássica, com alto nível de confiabilidade. Todavia, conforme expõe Weeks (1974), por mais que se buscassem simplificações, resultando no *Modelo M1A1*, nunca seria possível alcançar a facilidade de fabricação e o baixo custo de armas fabricadas basicamente pelo processo metalúrgico de estamparia, como a submetralhadora alemã *Erma MP-40* ou a britânica *Sten*.

Assim, conforme o autor britânico, no decorrer do ano de 1941, uma equipe de projetistas, em grande parte patrocinada pelo Campo de Provas de Aberdeen, trabalhou no desenvolvimento de uma nova arma, analisando uma multiplicidade de ideias.

O resultado, lançado em dezembro de 1942, foi a “*M3*”, que pode ser visualizada na Fotografia 6. Olive (1996, p. 120) destaca que “sua filosofia de projeto é a de redução de custos, com amplo emprego de estamparia e soldagem em sua fabricação”.

Resulta, assim, uma submetralhadora

curta, feia e muito simples. [...] dotada de uma coronha [...], de arame grosso, um receptor tubular, cano curto, carregador de caixa e sem qualquer peça de madeira. O punho dianteiro era o invólucro do carregador, a trava de segurança era a cobertura da abertura de ejeção e não havia alavanca de seleção de fogo, já que a arma só disparava em automático. (WEEKS, Ibid., p. 58)

Conforme dados de Tandler (1993), a *M3* utiliza o cartucho *.45 ACP* e dispara somente no modo automático. Possui coronha extensível, podendo reduzir seu comprimento total de 76,2 cm, estendida, para 57,7 cm, com a mesma retraída.

Seu peso, descarregada, é de 3,7 kg, subindo para 4,48 kg, com seu carregador tipo cofre municiado com 30 cartuchos. O cano mede 8 polegadas (cerca de 203 mm) e sua cadência cíclica de disparo situa-se entre 350 e 400 disparos por minuto.

O funcionamento da *M3* é praticamente idêntico ao da *Thompson M1A1*, com a diferença de que essa arma somente dispara no modo automático. Todavia, Olive (1993) observa que, devido a sua menor cadência cíclica de disparo, o tiro intermitente podia ser facilmente obtido por um atirador treinado, através do adequado controle do gatilho.

O corpo da arma é confeccionado em aço estampado, unido por solda, não possuindo nenhuma parte em madeira ou plástico. Sobre a janela de ejeção, possui uma tampa estampada, aberta por uma dobradiça. No interior da tampa, que também protege a arma da entrada de areia, lama ou outros detritos, é soldado um ressalto que, estando a tampa fechada, impede o movimento do ferrolho, agindo como trava de segurança.

O ferrolho é armado através de uma alavanca de manejo instalada no lado direito da arma, agindo como uma manivela ao descrever um semicírculo de cerca de 130° em seu deslocamento. Tandler (1993) chama a atenção para a fragilidade dessa peça, a qual pode comprometer a utilização da arma se for danificada em uma queda, por exemplo.

De qualquer forma, em dezembro de 1944 foi lançada a versão *M3A1*, na qual a principal modificação foi a eliminação da controversa alavanca de manejo. Para substituí-la, foi alongada a janela de ejeção, deixando exposto um recesso no ferrolho, por meio do qual o atirador tracionava o ferrolho para a retaguarda utilizando o dedo. Weeks (1974, p. 58) considera essa ideia “a simplicidade personificada, infalível e segura”.

O autor britânico também observa, também, que a *M3A1* “tinha várias outras novidades, além da ranhura de engatilhamento; várias peças móveis podiam ser usadas como ferramentas para retirar outras peças e uma braçadeira situada atrás do receptor podia ser usada para encher o carregador” (WEEKS, 1974, p.58).

Outra característica marcante do projeto da *M3* e da *M3A1*, é a de que essas armas podiam ser rapidamente convertidas para o cartucho *9x19mm* (também conhecido como *9mm Parabellum*, *9mm Luger* ou, modernamente, *9mm NATO*), o qual era utilizado pelos britânicos.

Embora ressaltando que a grande maioria dessas armas foi mesmo utilizada no

calibre original .45 ACP, Olive (1993, p. 71) descreve que “a conversão era simplíssima, bastando substituir o ferrolho por outro, mais leve, trocar o cano e introduzir uma peça-adaptadora no alojamento do carregador, possibilitando o uso de carregadores Sten”.

Vários autores, dos quais destacamos Tandler (1993) e Máquinas de Guerra (1987), relatam que a aparência pouco estética da *M3*, em especial quando comparada com a clássica *Thompson*, causou uma certa rejeição entre os combatentes, quando começaram a recebê-las.

Rapidamente, a nova arma recebeu a alcunha de “*Grease Gun*”, que pode ser traduzido, não literalmente, para “injetor de graxa” (MÁQUINAS..., Ibid., p. 93), “pistola de lubrificação” ou “engraxadeira”, por sua semelhança com esses equipamentos.

Não obstante, quando começou a ser empregada, suas qualidades como arma de combate logo se evidenciaram. Tandler (Ibid.), assim como outros, concordam que sua baixa cadência de disparo e seu eficiente, ainda que tosco, sistema de miras, a tornam uma arma muito precisa.

Além disso, conforme Máquinas de Guerra (loc. cit.), suas dimensões a faziam uma arma mais compacta, apropriada, portanto, para os motoristas de viaturas de transporte e guarnições de viaturas blindadas e carros de combate.

Olive (loc.cit.) informa que a *M3*, a partir de seu lançamento no final de 1942, começou a substituir, em escala cada vez maior, as *Thompson* no Exército dos Estados Unidos, permanecendo em dotação até 1960 e tendo participado ativamente dos combates da Guerra da Coréia.

Esse autor informa, ainda, que suas qualidades inerentes, sua facilidade e rapidez de manufatura em larga escala e baixo custo de produção contribuíram para a cifra de mais de 620.000 armas produzidas até o final da Segunda Guerra Mundial (OLIVE, 1993, p. 71).

2.5 CARABINA “.30 M1”

Mathias (1992) apresenta as características da carabina .30 *M1*, a qual é mostrada na Fotografia 7: trata-se de uma arma longa, com coronha fixa de madeira, em calibre .30*M1*

(também denominado *.30 Carbine*), de funcionamento semiautomático. Utiliza carregador destacável tipo cofre, com capacidade para 15 cartuchos.

Com o comprimento total de 90,5 centímetros, pesa cerca de 2,48 kg, descarregada e possui cano medindo 18 polegadas, raiado com 4 raias, à direita, com passo de 1:305mm.

Paula Neto (2014b) e Mathias (1992) relatam que a partir de 1938, o Exército dos Estados Unidos iniciou estudos no sentido de adotar uma arma longa leve, manejável, de fácil transporte e dotada de muito bom poder de fogo, para equipar combatentes como: oficiais de vários níveis, cozinheiros, padioleiros, artilheiros, motoristas e pessoal de apoio em geral.

Esses militares eram normalmente armados com pistolas, mas estas, devido a seu curto alcance e precisão, deixavam a desejar como arma de combate. O fuzil regulamentar *M1 Garand*, por sua vez, embora eficiente e poderoso, era muito grande e pesado para essas missões. Assim, buscava-se uma arma intermediária, menos volumosa e pesada que um fuzil, mas com maior alcance e precisão que uma pistola.

Em 1941, com a guerra cada vez mais se aproximando dos Estados Unidos, essa ideia ganhou decisivo impulso. Assim, várias ideias foram apresentadas, sendo que o projeto desenvolvido pela *Winchester Repeating Arms* foi aprovado pelo Exército Norte-americano em outubro de 1941.

Os autores citados contam que projetista David Marshal Willans contribuiu decisivamente para o projeto desta arma. Este singular personagem celebrou-se por haver esboçado muitos de seus projetos de armas enquanto cumpria sentença por homicídio e serviu de inspiração para um filme sobre sua vida, conforme relata Mathias (Ibid.).

Paula Neto (Ibid.) observa que o projeto final da carabina *.30 M1* resultou em uma arma muito bem construída, com um sistema de funcionamento muito similar ao do fuzil *M1 Garand*, com ferrolho rotativo e tomada dos gases na porção mediana do cano. A principal diferença nesse quesito reside na utilização de carregadores tipo cofre, destacáveis.

A munição utilizada, o *.30 M1* (também conhecido, entre outras denominações, por *.30 M1 Carbine*, *.30 Carbine* ou, ainda, *7,62x33mm*) foi desenvolvido pela Winchester a partir do obsoleto cartucho *.32 Winchester Self Loading*, criado em 1906.

Paula Neto (2014b) relata que o novo cartucho desenvolvido era cerca de três vezes menos potente que o cartucho *.30-06 Springfield* utilizado nos fuzis *M1 Garand*, mas apresentava energia cerca de duas vezes maior do que o cartucho *.45 ACP* empregado na pistola *Colt 1911A1* e nas submetralhadoras *Thompson* e *M3*.

Desta forma, seu alcance de utilização situava-se em torno de 200 metros, muito maior, portanto, do que o alcance de utilização de uma pistola, em torno de 50 metros.

Esse autor informa, ainda, que a carabina *.30 M1* foi muito bem aceita pela tropa, em todos os teatros de operações. Apresentando baixo recuo, podia disparar em rápida sequência, quase sem correção de visada. E esta era facilitada pelo bom sistema de miras, ajustáveis vertical e horizontalmente, o que conferia muito boa precisão à arma, nas distâncias de utilização.

Os modelos posteriores da carabina *M1* apresentavam encaixe para baioneta. Outro acessório muito prático e facilmente observável era uma bolsa de lona, presa à coronha por tiras elásticas, que podia transportar dois carregadores e pode ser visto equipando a carabina *M1* mostrada na Fotografia 8.

Ainda segundo Paula Neto (Ibid.), durante a guerra foram produzidas mais três versões da carabina *M1*: a *M1A1*, a *M2* e a *M3*.

A *M1A1*, que pode ser observada na Fotografia 8 (sobre uma bolsa protetora de lona, para seu acondicionamento com a coronha dobrada), era uma “versão de paraquedistas”, equipada com uma coronha metálica dobrável.

A *M2* possuía um dispositivo que permitia o fogo seletivo automático e semiautomático, praticamente convertendo-a em uma submetralhadora. Para ela, foi adotado um carregador para 30 cartuchos, mais longo e levemente curvado à frente.

A *M3*, por sua vez, era idêntica à *M2*, com trilhos adaptadores para a montagem de uma luneta.

Mathias (1992, p. 75) destaca que foram produzidas cerca de 6.000.000 de carabinas *.30 M1*, em suas diferentes versões. Paula Neto (Ibid.) observa que essa cifra confere a ela o destaque de ser a arma militar mais produzida nos Estados Unidos até os dias de hoje.

Por fim, Paula Neto (2014b) ainda informa que as carabinas *M1* e *M2* chegaram a ser utilizadas, porém em menor escala, na Guerra da Coréia, chegando mesmo aos primeiros dias da Guerra do Vietnã, mas praticamente não tendo nenhuma participação naquele conflito.

2.6 PISTOLA “COLT 1911A1”

Militarmente, as pistolas são armas essencialmente defensivas, utilizadas eminentemente para a defesa pessoal de combatentes em funções de comando ou atiradores de armas de emprego coletivo, como metralhadoras. Com um alcance efetivo máximo de cerca de 50 metros, são usadas, portanto, em situações emergenciais, no combate a curta distância.

Corroborando essa linha de pensamento, Weeks (1974, p. 22) afirma mesmo que “sozinha, a pistola é relativamente sem importância, quando comparada com outras armas individuais. Ao que dizem, ela raramente é usada em combate”.

Não obstante, possivelmente por ser uma arma conduzida junto ao corpo do combatente, constituindo-se, muitas vezes, em seu último recurso de defesa, as armas curtas costumam adquirir um significado especial.

Nesse mister, nenhuma pistola semiautomática granjeou para si uma aura de confiabilidade e efetividade tão sólida, nem esteve tanto tempo em serviço como arma regulamentar de um exército moderno como a *Colt Modelo 1911*, em calibre *.45 ACP*, apresentada na Fotografia 9.

Paula Neto (2014e) junta-se ao coro de uma enorme legião de entusiastas quando declara que:

Trata-se de uma arma honorável, veterana de quatro gerações. A Colt Modelo 1911, também conhecida como Colt-Browning, sobreviveu às duas grandes guerras mundiais, à Guerra da Coréia e do Vietnã, bem como à maior parte de outros conflitos travados pelo mundo. Através de seus inestimáveis serviços, essa pistola foi testada e re-testada [sic] inúmeras vezes nos diversos campos de batalha. Além do fato nada desprezível de ter ficado mais de 70 anos em serviço no maior e mais bem equipado exército do planeta, foi adotada por cerca de 28 países, inclusive o Brasil, como arma regulamentar e também utilizada por dezenas de forças policiais nos USA e no resto do mundo. Sem dúvida, trata-se da mais copiada ou “clonada” pistola semi-automática que se tem notícia.

Esse autor ensina que a *Colt 1911A1* é uma pistola construída totalmente em aço, com talas de empunhadura em madeira. Tem o comprimento total de 21,6 cm, pesa cerca de 1,1 kg, desmuniada, sendo alimentada por um carregador destacável, tipo cofre metálico, com capacidade para 7 cartuchos *.45 ACP*, em conformação monofilar. Seu cano mede 127 mm, com seis raias à esquerda, passo de 1:16 polegadas.

Como mecanismos de segurança, possui uma tecla na porção posterior da empunhadura, a qual desconecta o gatilho. Essa segurança se desarma quando a pistola é empunhada normalmente.

Possui também uma trava manual, no alto da porção superior da empunhadura, somente podendo ser acionada com a arma engatilhada (cão armado), bloqueando o mecanismo de disparo. Além disso, possui percussor “flutuante”, o qual, sendo curto, somente alcança a espoleta do cartucho quando golpeado energicamente pelo cão (martelo).

O mecanismo de disparo funciona por ação simples. Neste, estando a câmara da arma municiada com um cartucho e o cão desarmado, é necessário armá-lo manualmente, engatilhando a arma para o primeiro disparo. Por ocasião do recuo do ferrolho durante o ciclo de funcionamento, o cão é armado automaticamente para os disparos subsequentes. Sendo exposto, o atirador pode desarmá-lo manualmente, se desejar, sujeitando-o pelo seu prolongamento.

Paula Neto (2014e) ensina que seu princípio de funcionamento semiautomático é denominado “*delayed blowback*”, como resultado direto da ação do recuo do estojo deflagrado sobre o ferrolho, com o cano dotado de trancamento.

Estando a arma municiada, destravada, engatilhada e empunhada pelo atirador, ao pressionar o gatilho, este libera o cão que, atingindo o percussor, golpeia a espoleta do cartucho. Ocorrendo a deflagração, o projétil é expelido pelo cano, enquanto o estojo empurra o ferrolho para a retaguarda (seguindo o princípio da ação e reação).

Cano e ferrolho recuam solidários por um curto espaço, enquanto uma biela no cano força o seu basculamento, fazendo que seus ressaltos de trancamento saiam dos respectivos entalhes no ferrolho. O cano cessa seu movimento, enquanto o ferrolho continua recuando, extraindo e ejetando o estojo e rearmando o cão.

Atingindo o limite do recuo, o ferrolho começa a avançar, retira um cartucho do

carregador e o insere na câmara, impulsionando o cano e forçando o trancamento. A arma está pronta para um novo disparo, devendo o atirador aliviar a pressão sobre o gatilho e tornar a pressioná-lo, para tal.

Paula Neto (2014f) relata que a história da pistola *Colt 1911* no Exército dos Estados Unidos inicia-se ainda em 1892, quando o governo daquele país resolve substituir os confiáveis, mas obsoletos, revólveres *Colt Single-Action Army*, em calibre *.45 Colt*, de ação simples e tambor fixo, adotados em 1873, pelos revólveres *Colt Army M1892*, em calibre *.38 Colt*, ação dupla e dotados de tambor basculante, que agiliza o remuniamento.

Apesar de leves e modernos, os *M1892* logo passaram a sofrer grandes críticas relativas à pouca potência do calibre empregado. Conforme o autor citado, essa situação se evidenciou durante a chamada Insurreição das Filipinas, de 1899 a 1902, quando era relatado que essa arma era incapaz de deter o ataque de um guerreiro “*moro*” com apenas um disparo.

Assim, o governo americano recolocou os revólveres *Colt Single-Action Army* em serviço e iniciou um processo de estudo para a adoção de uma nova arma e calibre.

Para tanto, em 1901 foi formada uma Comissão, na cidade de Springfield, coordenada pelos coronéis Louis LaGarde, do Corpo Médico do Exército, especialista em ferimentos a bala, e John Tagliaferro Thompson, do Departamento de Ordenança. Essa Comissão estava encarregada de promover estudos e testes visando a adoção de uma pistola semiautomática para o Exército norte-americano, naqueles que viriam a ser conhecidos como *U.S. Trials*.

Por volta de 1905, como resultado dos estudos efetuados, o Departamento de Ordenança determinou o calibre *.45* (45 centésimos de polegada, ou 11,43mm) como o mínimo para as armas a serem avaliadas. Após testes, foi adotado como padrão o cartucho desenvolvido pela fábrica Colt, denominado *.45 ACP (11,43x23mm)*.

Prosseguindo seu relato, Paula Neto (Ibid.) informa que, a partir de janeiro de 1906, diversos fabricantes de armas foram convidados para apresentar pistolas no calibre *.45 ACP*, para testes.

Desejosa de vencer a concorrência, a fábrica Colt apresentou a pistola projetada por John Moses Browning, denominada *Modelo 1905*. Durante os testes, o modelo foi sendo constantemente aperfeiçoado, incorporando modificações que visavam adequá-lo às

exigências da Comissão e torná-lo cada vez mais confiável e robusto.

Após exaustivos testes que confrontaram pistolas como a *Bergmann*, *Knoble*, *White-Merril*, *Parabellum (Luger)*, *Savage* e *Colt*, apenas as duas últimas alcançaram o teste final, em março de 1911, o qual consistia em disparar 6.000 tiros. Nestes, a *Colt* (já no *Modelo 1911*) disparou a quantidade prevista, sem incidentes de importância, enquanto que a *Savage* teve que interromper o teste, devido à quebra de peças, por volta do milésimo disparo.

Declarada vencedora pela Comissão, a pistola *Colt Modelo 1911* foi adotada como arma regulamentar pelo Departamento de Ordenança do Exército dos Estados Unidos, com a denominação oficial *U.S. Service Pistol Model 1911*. Nessa configuração, a *Colt 1911* participou da Primeira Guerra Mundial, sendo produzida pelas fábricas *Colt* e *Remington*.

Em 1921, foi efetuada a primeira e maior modificação, após a qual o modelo passou a denominar-se *M1911A1*. Conforme Paula Neto (2014e), foram modificados o guarda-mato e o gatilho (que ficou sensivelmente mais curto, possivelmente para facilitar a utilização por atiradores usando luvas).

Também foi modificado o alojamento da mola real, na parte traseira inferior da empunhadura, recebendo uma curvatura que visava facilitar a empunhadura. O cão foi modificado e o prolongamento superior da tecla de segurança do punho foi ligeiramente alongado. Além disso, foram suprimidos os losangos nas talas da empunhadura, as quais passaram a ser totalmente zigzagadas. Essas diferenças podem ser melhor observadas na Fotografia 10.

Paula Neto (Ibid.) informa que mais um dispositivo de segurança foi incorporado em 1937. Denominado “*Schwartz Safety*”, consistia num sistema que bloqueava o percussor enquanto a tecla de segurança do punho não estivesse pressionada.

Na Segunda Guerra Mundial, a demanda por essas armas aumentou muito, forçando o Governo dos Estados Unidos a distribuir a produção entre outras empresas, além da fábrica *Colt*. Conforme dados apresentados por Paula Neto (Ibid), a fábrica *Remington-Rand* produziu cerca de 1.000.000 de pistolas *Colt 1911A1*. A *Union Switch*, 55.000. A *Ithaca Guns Company*, 375.000. E a fábrica de máquinas de costura *Singer*, apenas 500 armas. Estas, pela pequena quantidade produzida e pela esmerada qualidade, são muito raras e avidamente cobiçadas pelos colecionadores.

Utilizando a mesma munição das submetralhadoras *Thompson* e *M3*, apresentando um grande poder de parada (para “parar” um oponente com um único disparo), funcionando nas condições mais adversas e sem grandes exigências no que se refere à manutenção e limpeza, essa pistola apresentou uma conduta irrepreensível nessa conflagração, sendo adorada pelos combatentes que a utilizavam, conforme relata Paula Neto (2014e).

Após a Segunda Guerra Mundial, a *Colt M1911A1* continuou como pistola regulamentar do Exército dos Estados Unidos, participando ativamente de todos os conflitos em que este esteve envolvido, até 14 de janeiro de 1985, quando foi substituída, como arma curta de dotação, pela pistola *Beretta Modelo 92SB*, em calibre *9x19mm*, denominada oficialmente “*U.S. Pistol M9*”.

2.5 “FUZIL AUTOMÁTICO BROWNING”

Conforme dados apresentados por Aguiar Júnior e Rabbit (2005) e cotejados por Weeks (1974) e Paula Neto (2014a), o *Fuzil Automático Browning (Browning Automatic Rifle ou B.A.R.)* é uma arma longa automática, refrigerada a ar, em calibre *.30-06 Springfield*, alimentada por carregadores destacáveis tipo cofre metálico, com capacidade para 20 cartuchos, em conformação bifilar, conforme se observa na Fotografia 11.

Dotado de cano medindo 61,0 cm (24 polegadas), tem o comprimento total de 1,22 m e pesa, dependendo da versão, entre 7,3 e 8,8 kg. Em fogo automático (rajada), apresenta uma cadência cíclica teórica da ordem de 300 a 650 disparos por minuto, que, em alguns modelos, pode ser ajustada por meio de uma chave.

Como a maioria das metralhadoras e submetralhadoras de então, o *B.A.R.* funciona com o ferrolho aberto. Tal medida, conforme explicam Paula Neto (Ibid.) e Olive (1993, p. 59) visa evitar a ocorrência do fenômeno conhecido como “*cook-off*”, que consiste na detonação espontânea de um cartucho inserido na câmara, por calor induzido, provocado pelo sobreaquecimento da arma em tiro contínuo.

Seu funcionamento, conforme explica Paula Neto (Ibid.) se baseia na ação indireta dos gases produzidos pela combustão da pólvora (propelente) do cartucho. Assim, estando a arma municada e com seu ferrolho aberto, o atirador, ao pressionar o gatilho, libera o

mecanismo, fazendo com que o ferrolho avance, retirando um cartucho do carregador e inserindo-o na câmara.

Ao fechar, a tranca do ferrolho se insere na parte superior da armação e o martelo é liberado, golpeando o percussor, que atinge a espoleta do cartucho, deflagrando-o.

Quando o projétil ultrapassa o orifício de tomada de gases, a cerca de 14 cm da boca do cano, uma parte destes é desviada para o interior do cilindro de gases, onde empurra um êmbolo. Este, recuando, comprime a mola recuperadora e destranca o ferrolho, empurrando-o para trás, ocasião em que ele extrai e ejeta o estojo vazio.

Atingindo o limite de seu curso e impulsionado pela mola recuperadora, o ferrolho torna a avançar. Se a arma estiver regulada para o tiro semiautomático, a armadilha manterá o ferrolho retido, sendo necessário ao atirador aliviar a pressão sobre o gatilho e tornar a pressioná-lo para um novo disparo.

Todavia, em fogo automático o ferrolho não se detém, reiniciando o ciclo e repetindo o disparo automaticamente, até que o atirador libere a pressão sobre o gatilho ou se esgote a munição no carregador.

Conforme nos relatam Aguiar e Rabbit (2005) e Paula Neto (2014a), o *B.A.R.* foi apresentado em 1917 pelo lendário projetista de armas norte-americano John Moses Browning, visando suprir a carência de armas automáticas leves no Exército dos Estados Unidos, por ocasião de sua entrada na Primeira Guerra Mundial.

Nesse momento, o arsenal norte-americano, conforme dados apresentados por Paula Neto (Ibid.), dispunha de apenas 1.100 armas automáticas, sendo 670 arcaicos e obsoletos fuzis-metralhadores *Benet-Mercie*, 282 metralhadoras *Maxim* e 158 metralhadoras *Colt M1895*.

Num primeiro momento, foram adotadas armas da Inglaterra e da França, como as metralhadoras francesas *Hotchkiss* e o também francês fuzil-metralhador *C.S.R.G.* (conhecido como “*Chauchat*”), o qual celebrou-se pelos problemas de funcionamento que apresentava.

Nesse contexto, foi apresentado o *B.A.R.*, concebido para ser disparado apoiado no ombro do atirador ou à altura da cintura, enquanto este avança em direção às trincheiras inimigas.

A primeira versão, denominada *Modelo 1918* ou, oficialmente, como destaca Paula Neto (2014a), *Rifle Caliber .30, Automatic, Browning M1918*, possuía um punho frontal alongado, não dispunha de bipé e era capaz de fogo seletivo (automático e semiautomático). Esse modelo (e sua evolução) pode ser observado na Figura 2.

O citado autor relata que o *B.A.R.* chegou um pouco tarde aos campos de batalha da I Guerra Mundial e havia uma certa relutância do próprio Exército norte-americano em distribuí-lo às tropas, receando que caísse em mãos inimigas. Desta forma, embora acredite-se que cerca de 85.000 armas chegaram a participar do conflito, não tiveram atuação em muitas ações.

Em 1937, foi agregado um bipé, montado no tubo coletor de gases, e uma placa metálica escamoteável no final da coronha (soleira), destinada a ser apoiada sobre o ombro do atirador e facilitar o tiro na posição deitada. Esse modelo foi denominado *M1918A1*.

Em junho de 1938, foram acrescentadas novas modificações, visando seu uso como metralhadora leve, denominado *M1918A2*. Foi instalado um bipé regulável, próximo à boca do cano, bem como a possibilidade de montar um monopé regulável abaixo da coronha. Também foram instaladas guias no receptor do carregador, à frente do guarda-mato.

Além disso, foi suprimida a capacidade de fogo seletivo, passando a atuar somente em tiro automático. Recebeu, ainda, um mecanismo retardador da cadência de disparo, montado dentro da coronha e podendo ser regulado para duas opções: de 300 a 450 ou de 500 a 650 disparos por minuto, conforme relatam Aguiar e Rabbit (2005).

Paula Neto (2014a) acrescenta que posteriormente, já durante a Segunda Guerra Mundial, recebeu, ainda, o acréscimo de uma alça de transporte (punho) escamoteável.

Weeks (1974), Aguiar e Rabbit (2005) e Paula Neto (Ibid.) concordam, de uma forma ou de outra, que o *B.A.R.*, desde sua concepção, padeceu de alguns problemas crônicos. Como fuzil automático (função para a qual foi idealizado), era muito pesado e sua munição, de elevada potência, produzia muita vibração durante o tiro automático, dificultando a manutenção da visada pelo atirador. Seu emprego como metralhadora leve, por outro lado, era restrito pela pequena capacidade do carregador.

Conforme relatam os autores citados, muitos combatentes, por uma questão de praticidade, optavam por retirar acessórios pesados e incômodos, como o bipé, a placa de

apoio de ombro e a alça de transporte, e utilizá-lo como fuzil automático.

Outro problema comum, de ordem mecânica, era o acúmulo de resíduos no cilindro de gás, o que prejudicava o funcionamento da arma. Para minimizar esse contratempo, o *B.A.R.* possuía um dispositivo de regulação na extremidade desse tubo, destinado a regular o escape de gás para permitir uma compensação que possibilitasse o funcionamento da arma em condições adversas de manutenção.

Paula Neto (2014a) relata, ainda, que com o passar do tempo os *B.A.R.* começaram a apresentar constantes emperramentos no mecanismo de retardo da cadência de fogo, montado na coronha. Segundo ele, estudos técnicos concluíram que isso se devia ao costume dos atiradores em limpar a arma na posição vertical, apoiada na coronha, para onde escorriam resíduos de óleo, solvente e outras sujidades, que acabavam afetando o mecanismo.

Não obstante os percalços, o *B.A.R.* foi largamente empregado como fuzil-metralhador de apoio nos grupos de combate da Infantaria, normalmente constituídos por oito homens, dos quais um ou dois portavam essa arma, proporcionando fogo de apoio ao movimento dos demais.

Conhecidos, como ensina Paula Neto (Ibid.), como “*BAR man*”, os operadores de *B.A.R.* muitas vezes eram apoiados por outros combatentes (chamados “*ammo bearers*”) que transportavam carregadores municionados extras.

Além disso, todos os demais componentes do grupo de combate recebiam treinamento básico no uso desse armamento, para substituir emergencialmente o operador de *B.A.R.* da equipe, na eventualidade deste ser morto ou ferido.

Após a Segunda Guerra Mundial, o *B.A.R.* ainda foi largamente empregado na Guerra da Coréia e chegou mesmo a ser empregado nos primeiros anos da guerra do Vietnã pelos fuzileiros navais norte-americanos, quando já eram considerados, conforme Paula Neto (Ibid.), armas de “segunda linha”.

A Guarda Nacional dos Estados Unidos ainda os utilizou até meados da década de 1970.

2.8 METRALHADORA “BROWNING PONTO TRINTA”

Weeks (1974, p. 117) afirma que “depois das pistolas, a arma que mais fascina a imaginação popular é a metralhadora”. Surgida nas décadas finais do século XIX, essa arma atingiu a maioria durante a Primeira Grande Guerra, quando reinou soberana sobre as trincheiras.

Por definição, as metralhadoras são armas de apoio, capazes de executar fogo automático continuado de longo alcance. Inicialmente, armas pesadas, de posição, servidas por uma equipe constituída por vários homens, encarregados do seu emprego, acionamento, municiação e, principalmente, remuniciação.

O empenho para possibilitar seu emprego em apoio mais próximo à Infantaria resultou no desenvolvimento de armas automáticas mais leves e versáteis, denominadas “de emprego múltiplo” (MÁQUINAS..., 1988, p. 145). Estas são operadas por guarnições menores e podem ser empregadas montadas sobre tripés ou bipés. Nesse contexto se insere a metralhadora *Browning .30 M1919*, refrigerada a ar.

Descendente direta da metralhadora pesada *Browning .30 M1917*, refrigerada a água, projetada pelo prolífico projetista John Moses Browning e adotada pelo Exército dos Estados Unidos durante a Primeira Guerra Mundial, ela foi desenvolvida com o intuito de equipar os carros de combate que os norte-americanos pretendiam empregar naquele conflito, mas não chegaram a fazê-lo, pois a guerra terminou antes.

Possuindo caixa da culatra e mecanismo idêntico ao de sua predecessora, a *M1919* se difere desta pelo cano envolto por um tubo metálico perfurado (a “camisa de refrigeração”). Dotada de um cano de 24 polegadas (61,0 cm), utiliza o cartucho regulamentar *.30-06 Springfield* (daí seu apelido “ponto trinta”). Sua cadência cíclica teórica de disparo situa-se entre 400 e 500 disparos por minuto.

Sua alimentação é feita por fita flexível, sendo que eram empregados dois tipos de fita: uma, em lona e outra, mais moderna, constituída por elos metálicos. Nesta, os elos são individuais e se unem um ao outro pelo cartucho que contém. Quando o cartucho é extraído, o elo solta-se, desfazendo a fita após a sua utilização. Por isso, é denominada “desintegrável”.

A fita de lona era confeccionada para conter 250 cartuchos, sendo acomodada em

um cofre metálico com essa capacidade. As fitas de elos metálicos, embora possam ser montadas com uma quantidade indefinida de munição, costumam conter os mesmos 250 cartuchos das fitas de lona, sendo acondicionadas nos mesmos cofres metálicos.

Cabe observar que as fitas de elos metálicos podem ser unidas, através da inserção de um cartucho avulso entre seus elos terminais, garantindo o municiamento constante da metralhadora e conferindo-lhe uma capacidade indeterminada.

Após a versão inicial *M1919*, essa arma continuou sendo aperfeiçoada, surgindo várias versões subseqüentes, das quais as mais importantes foram a *M1919A4*, instalada em reparo tipo tripé, e a *M1919A6*, equipada com coronha e bipé.

A metralhadora *Browning .30 M1919A4* mede 1.041mm e pesa, sozinha, 14,06 kg. Weeks (1974) informa que, com o reparo *M2*, seu peso sobe para 19,8 kg. Também podia ser utilizada montada no reparo *M1917*, mais pesado, bem como em uma infinidade de outros tipos de suporte.

A Fotografia 12 mostra a metralhadora *Browning .30 M1919A4* montada sobre um reparo *M2*, municiada por fita de lona acondicionada no cofre de munição para 250 cartuchos.

A *Browning .30 M1919A6* foi uma tentativa de transformar a *M1919A4* em uma metralhadora leve, para apoio direto à Infantaria. Weeks (1974, p. 132), que considera essa versão um “monstrengo horroroso, pesando mais de 14,400 kg”, relata que foi adotada em 17 de fevereiro de 1943.

Suas principais modificações, conforme pode ser observado na Figura 3, ficavam por conta de uma coronha de aparência estranha, destacável, um bipé dobrável, regulável em altura, uma alça para transporte e um cano mais leve.

Entre os pés do bipé dobrável, apresentava dois pés menores, fixos, que possibilitavam apoiar a arma diretamente sobre uma superfície qualquer, como um muro, uma viatura ou o parapeito de uma janela, proporcionando proteção ao atirador, que pode operar a arma enquanto mantém sua silhueta baixa.

As metralhadoras *Browning M1919* funcionam por recuo direto, com o ferrolho aberto. Quando o atirador coloca a fita de munição sobre a mesa de alimentação, fecha a tampa superior da arma e puxa o ferrolho à retaguarda, este extrai um cartucho da fita e o

insere na guia de carregamento, permanecendo retido à retaguarda, pela armadilha do gatilho.

Ao pressionar-se o gatilho, o ferrolho avança, por ação de sua mola, introduzindo o cartucho na câmara e empurrando todo o cano para a frente, enquanto um mecanismo faz o trancamento das peças móveis. Nesse momento, o percussor é liberado, golpeando a espoleta do cartucho, deflagrando-o.

Enquanto o projétil é expelido pelo cano, este e o ferrolho recuam solidários. Após um breve movimento, o cano detém-se e o ferrolho se destranca, recuando sozinho, extraíndo o estojo deflagrado da câmara, que é ejetado para baixo, e retirando outro cartucho da fita, o qual é recolocado na guia de carregamento do ferrolho.

Atingindo o limite de seu recuo, o ferrolho reinicia seu ciclo, somente parando quando o atirador deixar de pressionar o gatilho (ficando, então, retido à retaguarda), ou quando a munição contida na fita acabar.

Um mecanismo contido na tampa da caixa da culatra e acionado pelo ferrolho em seu movimento de avanço e recuo, traciona a fita de munição, alinhando os cartuchos com o alimentador do ferrolho.

Não podendo ser considerada propriamente uma metralhadora leve, destacou-se, todavia, conforme expressa Máquinas de Guerra (1988, p. 149), pela extrema confiabilidade, funcionando em condições adversas, em que outras metralhadoras teriam apresentado problemas.

Foi empregada em uma extensa gama de aplicações: sobre reparos terrestres, montada em viaturas leves e blindadas, carros de combate, embarcações, aeronaves, enfim, em qualquer situação em que houvesse necessidade de uma metralhadora.

Participou, ainda, da Guerra da Coréia. Foi substituída, no Exército dos Estados Unidos, pela metralhadora *M60 Maremont*, em 1957.

2.9 LANÇA-ROJÃO 2.36 (“BAZUCA”)

O lança-rojão de 2,36 polegadas foi adotado pelo Exército dos Estados Unidos em

maio de 1942, com a denominação *2.36'' Rocket Launcher M1*. Mas, na prática, tornou-se mundialmente conhecido por seu popular apelido “bazuca”.

Trata-se de uma arma leve, sem recuo, concebida para ser disparada com apoio direto sobre o ombro do atirador e ser empregada contra viaturas blindadas, carros de combate e posições fortificadas.

Seu modelo inicial, denominado *M1*, consistia em um tubo metálico, medindo cerca de 1,52 m e pesando aproximadamente 8 kg, dotado de um sistema de pontaria simples, uma empunhadura com gatilho, um apoio de ombro em madeira e um sistema elétrico de acionamento, alimentado por baterias alojadas no interior do apoio de ombro.

Paula Neto (2014d) e Wikipedia (2014) informam que essa arma disparava os rojões *M6*, *M6A1*, *M6A2*, *M6A3*, *M10* e *T31*, de 2,36 polegadas (aproximadamente 60 milímetros) de diâmetro, os quais pesavam cerca de 1,6 kg e mediam em torno de 58 cm.

Eram disparados a uma velocidade aproximada de 80 metros por segundo, estabilizados por aletas e com um alcance máximo próximo aos 450 metros. Todavia, o alcance de precisão situava-se entre 100 e 150 metros.

A Fotografia 13 mostra o lança-rojão 2.36 em sua primeira versão, acompanhado pelos rojões *M6A2* (esquerda) e *M6A3* (direita), ambos do tipo *HEAT* (alto-explosivo, anticarro).

Segundo informa Paula Neto (2014d), esses rojões apresentavam ogiva carregada com 450 gramas do explosivo “pentolite” e destinavam-se a emprego geral, sendo que o *M6A2* tinha maior capacidade de penetração em blindagens que o *M6A3*.

Ao atingir o alvo, esses rojões explodiam, concentrando a explosão e arremessando uma carga de metal pulverizado, quase em ponto de fusão, no mesmo ângulo de sua trajetória, no local atingido (através do chamado “efeito Monroe”, “carga-oca” ou “carga dirigida”).

A versão inglesa da Wikipedia (Ibid.) ensina que o rojão *M10* (e suas variantes *M10A1*, *M10A2*, *M10A3* e *M10A4*) era do tipo fumígeno, com carga de fósforo branco (*WP*). Ao atingir o alvo, queimava em altíssima temperatura, gerando grande quantidade de fumaça. Podia ser empregado para criar cortinas de fumaça, para obstruir a visão do inimigo, bem como para marcar alvos e objetivos.

Por suas características, o *M10* também podia ser empregado como incendiário, para lançar fogo a estruturas leves, viaturas não blindadas, depósitos de combustível, munição e material.

Para essa tarefa, todavia, existia especificamente o rojão incendiário *T31*, o qual, na verdade, era raramente utilizado (WIKIPEDIA, 2014).

O lança-rojão foi desenvolvido no começo de 1942 pelo coronel Leslie Skinner (que desenvolveu o rojão de carga-oca) e pelo tenente Edward Uhl (que concebeu a arma propriamente dita), ambos do Exército dos Estados Unidos.

O termo “bazuca”, conforme MilitaryFactory (2014), cotejado por Wikipedia (Ibid.), foi inspirado pelo comediante norte-americano Bob Burns, o qual, na década de 1920, inventou um “instrumento musical” semelhante a um trombone, o qual batizou “*bazooka*”, utilizando-o em suas apresentações humorísticas.

Por ocasião dos testes da nova arma, observou-se a semelhança com a “*bazooka*” de Burns e o apelido foi adotado informalmente, generalizando-se em seguida.

Essa arma é normalmente operada por dois homens, o atirador e o municionador. Este, após retirar o pino de segurança do rojão, o introduz na abertura posterior da arma, prendendo-o por uma chaveta de fixação. Em seguida, retira dois fios situados na empenagem do rojão e os liga a contatos localizados sobre a arma, que fica pronta para ser disparada.

Quando o atirador pressiona o gatilho, a corrente elétrica oriunda de baterias instaladas no apoio de ombro (no modelo *M1*) ou no punho do gatilho (nos modelos *M1A1* e *M9*), é liberada, passando pelos contatos e, por meio dos fios de ligação, aciona a carga de propulsão do rojão.

Esta, conforme Paula Neto (2014d), é composta de 50 gramas de pólvora base-dupla extrudada em tubos, a qual, inflamando-se instantaneamente, libera grande quantidade de gases que são expelidos, sob altíssima pressão, por uma abertura semelhante a um funil duplo (ou uma ampulheta), na retaguarda do corpo do rojão.

Esse súbito e violento jato de gás, ao mesmo tempo em que impulsiona o rojão através do tubo, que o orienta em sua trajetória para o alvo, anula o efeito do retrocesso, fazendo com que o lança-rojão não apresente recuo.

Por outro lado, essa característica da arma exige especial atenção dos operadores para o que existe à retaguarda, na chamada “área de sopra”, a qual deve estar livre de pessoas ou obstáculos, a fim de evitar graves acidentes.

Ao atingir o alvo, um percussor inercial aciona o detonador da carga da ogiva (“cabeça” do rojão). Se o rojão atingir o ponto de impacto com um ângulo de inclinação muito pequeno, pode não ocorrer a detonação. Nesse caso, conforme ensina Paula Neto (2014d), os rojões falhados não podem ser utilizados novamente, pois sua carga de propulsão já foi consumida.

De acordo com Wikipedia (2014), o modelo *M1* foi logo aperfeiçoado para o *M1A1*, mais simplificado, com apoio de ombro em metal e baterias no interior do punho. Esse modelo, por sua vez, foi aperfeiçoado para o *M9*, o qual apresentava sistema de mira melhorado e seu tubo podia ser desmontado em duas partes, facilitando o transporte, em especial pelos paraquedistas.

No modelo *M9A1*, as baterias foram substituídas por um sistema de acionamento elétrico por magneto, o qual, sendo acionado ao pressionar-se a tecla do gatilho, gerava a energia elétrica necessária para disparar o rojão.

Nos momentos finais da Segunda Guerra Mundial, a eficácia dos rojões 2.36 era cada vez menor contra as constantemente melhoradas blindagens dos carros de combate. Assim, eles foram cada vez mais sendo utilizados contra viaturas, blindados leves, casamatas e outros alvos similares, em detrimento de sua função anticarro, a qual, todavia, não chegou a ser abandonada.

A Wikipedia (Ibid.) afirma, ainda, que o general norte-americano Dwight Eisenhower declarou, após a guerra, que a “bazuca” foi uma das quatro principais “Ferramentas para a Vitória” dos Aliados, ao lado da bomba atômica, do jipe e da aeronave de transporte *C-47 Skytrain*.

Após a Segunda Guerra Mundial, o lança-rojão de 2.36 polegadas foi sendo substituído, paulatinamente, pelo lança-rojão de 3.5 polegadas (cerca de 89 milímetros) *M 20*, denominado “*Super Bazooka*” (MILITARYFACTORY, 2014).

2.10 GRANADAS DE MÃO

Conforme Inert-Ord (2014) as granadas de mão explosivas classificam-se, conforme suas características, em defensivas e ofensivas.

As granadas defensivas, ou de fragmentação, são o tipo mais comum, empregado pela maioria dos países beligerantes na Segunda Guerra Mundial. São comumente fabricadas em aço fundido, com ranhuras externas e/ou internas que facilitam seu estilhaçamento. O raio de ação dessas granadas é maior, em função dos estilhaços, e, por isso, são normalmente utilizadas a partir de uma posição abrigada, para resguardar o operador dos seus efeitos.

As granadas ofensivas, por sua vez, são fabricadas em um material leve, não fragmentável. Seu efeito se baseia na súbita e violenta expansão do ar causada pela explosão (efeito *blast*). Assim, seu raio de ação é menor e expõe seu operador a menores riscos, podendo, portanto, ser utilizada em espaços abertos e à partir de posições não abrigadas.

Conforme Paula Neto (2014d), as principais granadas de mão utilizadas pelo Exército dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial foram a *Mk IIAI* (defensiva) e a *Mk IIIAI* (ofensiva).

Esse autor (Ibid.) explica que a *Mk IIAI*, exposta na Fotografia 15, era confeccionada em ferro fundido, com grandes gomos externos, os quais tinham a função de facilitar a fragmentação. Pesava cerca de 595 gramas e utilizava cerca de 20 gramas de pólvora negra como explosivo. O raio de alcance dos estilhaços atingia cerca de 30 metros.

Inert-Ord (2014) observa que eram pintadas na cor verde, com uma faixa amarela no corpo da granada, logo abaixo do mecanismo de acionamento, e eram fornecidas ao Exército já montadas.

Paula Neto (2014d) ensina que a *Mk IIAI* possuía um grampo de segurança que imobilizava a alça da granada, a qual era geralmente apoiada na palma da mão do operador, para o lançamento. Com a retirada do grampo, a alça ficava livre.

Ao ser lançada (ou se estivesse solta), a alça separava-se do corpo da granada e liberava um percussor, que golpeava a espoleta, iniciando a queima de uma espécie de

estopim (um duto carregado com pólvora negra, denominado “trem”). Este queimava por aproximadamente 4 a 5 segundos, até atingir o detonador, explodindo o artefato.

A granada ofensiva *Mk IIIA1*, de acordo com Paula Neto (2014d), tinha o funcionamento idêntico ao da *Mk IIA1*, mas tinha o corpo cilíndrico feito de papelão prensado, com topo em metal, onde ficava o mecanismo de acionamento. Pesava 392 gramas, carregada com 191 gramas do explosivo “TNT”. Posteriormente, passou a ser fabricada com corpo em fibra de vidro e denominada *Mk IIIA2* (Figura 4).

Paula Neto (Ibid.) informa, ainda, que eram fornecidas às Unidades com o corpo separado do mecanismo de acionamento. Antes de serem entregues à tropa, eram montadas, simplesmente rosqueando o mecanismo de acionamento ao corpo.

2.11 GRANADAS DE FUZIL

As granadas de fuzil são artefatos explosivos que podem ser lançados a partir de um fuzil equipado com um bocal específico e que alcançam uma distância muito superior àquela que seria alcançada por meio de um arremesso manual, com maior precisão.

Para tanto, dispõem de um corpo tubular, para permitir o acoplamento ao bocal do fuzil e orientar sua trajetória inicial, e uma empenagem com aletas, para manter a ogiva (cabeça da granada) orientada em direção ao alvo, sem rodopiar sobre si mesma.

Inert-Ord (2014) apresenta uma seleção das principais granadas de fuzil utilizadas pelo Exército dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, a saber: a *M11*, a *M17*, a *M9A1*, a *M11A3*, a *M19A1* e a *M22*, bem como o adaptador de projeção da série *M1*. Esses artefatos podem ser observados na Fotografia 57.

A granada *M11* era a versão de exercício (inerte) da granada *M9*, a primeira granada anticarro norte-americana, lançada em 1940 e produzida por apenas dois anos.

A *M9* tinha um corpo em chapa de metal, onde era montada uma ogiva de ferro fundido. Inert-Ord (Ibid.) informa que, apesar de possuir uma ogiva com carga oca, sua efetividade era reduzida pelo detonador montado na extremidade, o qual era pouco confiável.

Outra granada de fuzil adotada nos primeiros momentos da guerra foi a *M17*, uma granada antipessoal que consistia basicamente em um corpo de granada de mão *Mk II* montado em um corpo tubular com empenagem e um detonador de impacto. Sua produção foi descontinuada em meados de 1944, sendo substituída pelos adaptadores de projeção *M1*, *M1A1* e *M1A2*, os quais diferenciavam-se entre si por detalhes de construção.

Esses adaptadores eram utilizados com uma granada *Mk II* ou *Mk IIA1*, a qual era montada no adaptador, conforme mostrado na Fotografia 15. A alça do detonador era inserida em um clipe montado no adaptador e, no momento do lançamento, o grampo de segurança era retirado. Quando o dispositivo era disparado, o clipe era ejetado, por inércia, e a alça do detonador, liberada, acionando o dispositivo de retardo da granada.

A granada *M9A1* foi a granada do tipo HEAT (alto-explosivo, anticarro) padrão, que substituiu a *M11*, conforme relata Inert-Ord (2014). Pesava cerca de 650 gramas e era construída em ferro fundido, contendo uma ogiva com carga-oca que podia penetrar cerca de cinco centímetros de blindagem. Foi um modelo muito bem sucedido, empregado com sucesso contra uma grande variedade de alvos.

A *M11A3* era uma versão de exercício da granada *M9A1*. Inerte (sem carga explosiva), era usada para treinamento dos atiradores. Possuía componentes que podiam ser substituídos em caso de dano, permitindo sua sucessiva reutilização. Os modelos de exercício iam da *M11A1* até a *M11A4*, sendo que cada versão sucessiva incorporava partes com custos mais reduzidos e de mais fácil manufatura.

A *M19A1*, segundo Inert-Ord (Ibid.), era uma granada de fuzil utilizada para sinalização diurna e iluminação noturna. Seu corpo possuía uma carga suplementar, que possibilitava que, ao ser disparada para o alto, atingisse uma altura de cerca de 180 metros, momento em que a ogiva se inflamava e emitia uma forte luz colorida (havia várias cores disponíveis), por cerca de 20 a 30 segundos. Quando a ogiva era acionada, um pequeno paraquedas era liberado, reduzindo a velocidade de queda da granada.

A *M22*, por sua vez, era uma granada fumígena. Conforme relata Inert-Ord (Ibid.), foi adotada na parte final da guerra e possuía um detonador de impacto que, acionado ao atingir o alvo, emitia cerca de um minuto de fumaça colorida, através de cinco orifícios na base da ogiva. As cores disponíveis eram vermelho, amarelo, verde e violeta, indicadas

através de uma faixa com a cor correspondente, pintada no corpo da granada, logo abaixo da ogiva.

Inert-Ord (2014) relata, ainda, a existência de outra granada fumígena, semelhante à *M22*, denominada *M23A1*, *Smoke Streamer*, a qual emitia fumaça colorida por aproximadamente 12 segundos, imediatamente após ser disparada. O ar entrava através de um orifício na extremidade da ogiva e forçava a fumaça a sair por orifícios na base desta, produzindo um rastro colorido na trajetória da granada.

3 AS ARMAS DA INFANTARIA DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

3.1 O ARMAMENTO DA INFANTARIA BRASILEIRA ANTES DA FEB

Já foi mencionado que, por ocasião da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o Exército Brasileiro não se encontrava em sintonia com os demais países Aliados, seja na doutrina, seja no armamento.

Neste ponto, Paula Neto (2014c), entre outros, observa que o armamento existente era uma combinação de contratos e importações oriundos, basicamente, da Alemanha e da França. A arma básica da Infantaria era o fuzil *Mauser G98*, adquirido a partir de 1908 e que, por este motivo, ficou conhecido no Brasil como “*Modelo 1908*”.

Além do fuzil *Mauser*, eram empregadas metralhadoras francesas *Hotchkiss* e pistolas alemãs *Parabellum* (as célebres *Luger*, adquiridas em 1906), revólveres franceses *D’Ordnance M1892* (conhecidos erroneamente por *Lebel*) e do tipo *Nagant*, estes oriundos da Bélgica e da Alemanha.

Segundo Reichel (1994), em 1937 o governo brasileiro encomendou 25.000 revólveres *Smith & Wesson Modelo 1917* em calibre *.45 ACP / .45 AR* dos Estados Unidos. Nesse mesmo ano, foram encomendadas 14.500 pistolas norte-americanas *Colt 1911A1*, em calibre *.45 ACP*, conforme dados de Paula Neto (2014e). Possivelmente, este fosse o armamento mais moderno em uso pelo Exército Brasileiro, naquele momento.

Além disso, havia a questão do preparo e da motivação. O coronel Adhemar Rivermar de Almeida (que participou da FEB comissionado como capitão) quando primeiro-tenente, no final de 1943, acompanhou o general Alexandre Zacharias de Assumpção, comandante da Infantaria Divisionária da 14ª Divisão de Infantaria e Guarnição Militar de Natal, como seu ajudante-de-ordens, durante uma inspeção inopinada às guarnições de segurança no litoral norte do Rio Grande do Norte:

Aqui e ali, ao longo do litoral norte do Estado, despovoado e sem recursos, íamos inspecionando grupos de combate ou pelotões de Infantaria destacados com a missão de proteção ao solo brasileiro contra uma possível invasão inimiga, mas sem condições efetivas para fazê-lo. Eram homens queimados pelo sol, usando somente o calção de educação física, que viviam pescando para “matar o tempo” e contrabalançar a pouca e ruim ração que recebiam. Eram soldados que não sabiam

bem por que ali estavam, que não cuidavam bem de seus fuzis, na maioria das vezes descalibrados, por desleixo, falta de inspeção ou de material apropriado para fazê-lo. [...] O que poderiam fazer aqueles homens sem armamento adequado, sem meios de comunicação ou de remuniamento, sem o menor preparo psicológico, diante de um ataque das bem organizadas, armadas e equipadas tropas germânicas? (ALMEIDA, 1985, p. 15-16)

3.2 A PREPARAÇÃO DA FEB NO BRASIL

Através do relato de ex-combatentes, pode-se perceber que a transição da doutrina militar vigente, baseada nos ensinamentos da Missão Militar Francesa, para a organização norte-americana na qual a FEB seria inserida, foi, de certa forma, um grande choque.

O capitão Ferdinando Piske (1984), que participou da FEB como terceiro-sargento do 1º Pelotão da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, deixou suas experiências transcritas na obra “Anotações do front italiano”.

Ele exemplifica esse choque cultural quando, convocado para a FEB, saiu de Curitiba-PR, oriundo do 32º Batalhão de Caçadores, e chegou ao local de aquartelamento de sua nova Unidade, no Rio de Janeiro. Logo observou que

ali, tudo era diferente do Exército que eu conhecia. Um soldado explicou:
— Bom, Sargento! O negócio é assim. Lá – apontando para os outros quartéis –, é o Exército de Caxias. Isto aqui é o Exército de Mascarenhas. Tá claro? Estava mais que claro” (PISKE, *Ibid.*, p. 13).

Além da diferença doutrinária, a carência de material para a instrução dificultou muito a preparação. Joaquim Xavier da Silveira, então estudante de Direito que participou da FEB como soldado motorista, relembra que

dada a carência do material colocado à disposição da tropa no Brasil, o treino era em parte teórico, com utilização de manuais traduzidos do inglês. Muitos soldados brasileiros, designados, por exemplo, para serem “bazuqueiros” em seu grupo de combate, só foram travar conhecimento com a bazuca quando chegaram à Itália. Nessa fase de instrução é que o corpo de oficiais brasileiros deu a primeira demonstração de sua capacidade de improvisação e adaptação, além de flexibilidade e imaginação criadora. Jovens oficiais, tenentes, capitães, com conhecimentos teóricos de equipamentos novos, e às vezes tendo somente um exemplar do material bélico que iriam receber, conseguiram dar um treino básico a seus soldados. (SILVEIRA, 1989, p. 59)

Apesar de toda a boa vontade e esforço evidenciados, a carência de material, meios e pessoal qualificado, aliado a outros fatores diversos, impossibilitou a adequada preparação da FEB ainda no Brasil. O general Thorio Benedro de Souza Lima, falecido em 1981 e que participou da FEB como capitão do 11º RI, deixou seu relato sobre esse período:

No levantamento que estabelecemos, no que tange a tiro, por exemplo, tínhamos 64 homens que eram armados de carabina e que iriam combater, com essa arma, na Itália. 64 homens que nunca haviam atirado com a carabina. E foi assim que chegamos. Desses 64 homens que precisavam conhecer a carabina, quer dizer, armar, desarmar, etc. somente dez a conheciam, 54 não a conheciam. São números muito expressivos e muito sérios.

Em relação ao fuzil *Garand*, tínhamos 46 homens que atiravam com ele. No entanto, desembarcaram na Itália somente 15 desses homens que haviam feito um tiro com o fuzil *Garand*. Desses 46, somente trinta conheciam o material. Dezesseis homens nem conheciam o armamento que iriam utilizar.

Em relação, por exemplo, ao lança-granadas, ao FM *Browning*, nove homens atiravam e, no entanto, nenhum deles fizeram sequer um disparo no Brasil.

Em relação à Pistola *Colt* – eram 20 homens armados – nenhum homem fez o tiro no Brasil, e iriam maneja-la sem conhecê-la.

E assim sucessivamente. No que tange, por exemplo, às armas coletivas, metralhadora *Browning* .30, 48 homens iriam necessitar atirar. Eram os diferentes grupos de peças que formavam as guarnições. Somente 21 homens atiraram com esta arma. (BIBLIEX, 2001, vol. 8, p. 51-52)

Observe-se, no entanto, que essa era a previsão inicial de distribuição de armamento, o qual, na verdade, somente foi distribuído na Itália e nem sempre foi do tipo e quantidade previsto nos Quadros de Organização, conforme será explorado posteriormente.

3.3 A CHEGADA DA FEB NA ITÁLIA: ARMAMENTO, EQUIPAMENTO E INSTRUÇÃO

A falta de armamento no momento do desembarque no porto de Nápoles, aliado a um uniforme muito semelhante ao das tropas alemãs, tanto no modelo quanto, principalmente, na cor, fez com que os integrantes do 1º Escalão da FEB fossem hostilizados pelos civis italianos, que os confundiram com prisioneiros de guerra.

O doutor Epapharol Silveira, que integrou a FEB como sargento da 1ª Companhia do 6º RI, relembra esse momento:

Bem, chegando à Itália o civil italiano nos confundiu com prisioneiros alemães, já que o nosso fardamento era mais ou menos parecido. Ao ver desembarcar uma tropa desarmada numa época em que isso era comum com prisioneiro de guerra, acharam

que também éramos prisioneiros e levamos umas pedradas dos italianos. (BIBLIEX, 2001, vol. 3, p. 129)

Após o desembarque, e esclarecida a procedência da tropa recém-chegada, o 1º Escalão foi conduzido à área de estacionamento, na cratera do vulcão Astronia. O marechal Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, relata que

a área, infelizmente, não fora preparada para receber nossa tropa. Não havia barracas para praça, nem cozinhas, por isso a tropa utilizou a ração norte-americana de reserva, tipo C, e teve de bivacar em meio a uma noite terrivelmente fria, o que constituiu um rude teste para a nossa gente. (MORAES, 2005, p. 44-45)

O sargento Ferdinando Piske, relata essa situação sob a ótica do seu pelotão, onde ninguém conhecia a língua de Sheakespeare:

Os americanos distribuíram três latas para cada um, informando que dentro havia comida. Ninguém entendia patavina do que estava escrito por fora das latinhas, [...] comeríamos até a lata propriamente dita, tamanha era a fome que nos castigava a alma e o corpo. Sem entender o inglês, trocamos as benditas latinhas e eu, pra variar jantei o café da manhã. Uma delícia, apesar do contra-senso. Quase ninguém acertou o menu. [...] Para mal de nossos pecados, não havia barracas. Segundo a “explicação” dada, a comissão de oficiais brasileiros que nos precedera pensava que viríamos equipados do Brasil. Os americanos pensaram que a comissão tratara das providências para a nossa instalação no Astronia. E assim pensando, nós é que pagamos o pato e tivemos que bivacar por essa noite, isso é, dormir ao relento, sem podermos contar sequer com um cobertor. (PISKE, 1984, p. 27)

Enquanto o marechal Mascarenhas de Moraes declara que após esse percalço inicial, “cedo, porém, a situação se normalizou” (MORAES, 2005, p. 45), o então sargento Piske, ainda sob a ótica de seu pelotão, relata como se deu essa normalização:

Como se viu, chegamos à Itália “analfabetos” quanto a rações de campanha, material de estacionamento, etc. Coisinhas como armar as barracas americanas, e o uso de uma série de coisas que recebemos, eram grego para nós. Mas aprenderíamos depressa a utilizar essas coisas. Pelas nove da manhã chegaram os caminhões trazendo nossas barracas, cobertores e, melhor que tudo, todo o equipamento para a nossa cozinha. [...] Um problema sério foram as barracas americanas. Ninguém de nós havia visto uma delas. [...] A distribuição do material foi rápida e depois de muito apanhar, conseguimos finalmente descobrir o jeito de armar aquelas geringonças que os americanos chamavam de barraca. Quando prontas, até que eram bem bonitinhas e confortáveis. Imaginem que até mosquiteiro tinham!... (PISKE, 1984, p. 29-30)

O comandante da FEB (MORAES, *Ibid.*) relata, ainda, que no primeiro mês de permanência no Teatro de Operações da Itália, pouquíssimo se avançou no adestramento do 1º Escalão, devido à falta de material de instrução. Nesse período, a fim de conservar a forma

física dos homens e manter a disciplina e a coesão da tropa, eram realizadas práticas desportivas, marchas de treinamento, sessões de instrução geral e ordem unida.

Prosseguindo seu relato, Mascarenhas de Moraes (2005) relata que, a partir de 26 de julho, o contingente da FEB começou seu deslocamento para Tarquínia, encerrado em 5 de agosto, quando a FEB foi incorporada ao V Exército dos Estados Unidos. Então,

inicou-se, ainda em decorrência da incorporação já aludida, a distribuição do material à tropa brasileira. Em uma quinzena, graças a um esforço enorme, inavaliável, tão grande foi, conseguimos receber uma verdadeira montanha de variado e complexo material de guerra. [...] Entretanto, não tendo sido completa a distribuição do **armamento**, a instrução ainda não pôde ser orientada e desenvolvida segundo os propósitos do comando brasileiro. (MORAES, Ibid, p. 49, grifo nosso)

Ferdinando Piske também recorda esse momento que, para seu pelotão de Infantaria, foi de glória:

Em Tarquínia começamos a receber nosso armamento. Levamos uma semana para retirar a graxa das armas. Mas **com elas na mão, nós nos sentíamos novamente soldados** [...] Dia 9 nosso Pelotão foi escalado para montar guarda ao Porto de Chivitavecchia [sic]. Com nossos “Garands” e “Springfields” na mão, seguimos orgulhosos para o porto. É aqui que equipes de mecânicos estão montando as viaturas da FEB. (PISKE, 1984, p.37, grifo nosso)

Com relação à distribuição do material bélico, da qual era responsável a *Peninsular Base Section – PBS* (Seção de Base Peninsular) norte-americana, o coronel Gilberto Pessanha, que, como capitão foi comandante da companhia de Manutenção Leve da FEB, responsável por “suprir, manter, reparar ou consertar, evacuar e substituir o armamento, as viaturas, os instrumentos e outros materiais pertencentes às Unidades de Combate e de Serviço, exceto o material especializado da Engenharia” (BIBLIEX, 2001, vol. 8, p. 80), relata que:

Apesar de todo o nosso empenho junto à Base Peninsular, muitos itens de material, em vista de se terem tornado “críticos”, devido ao reabastecimento das Unidades americanas para a invasão do Sul da França, deixaram de ser recebidos ou tiveram redução nas quantidades a serem distribuídas de acordo com os QOE, como, por exemplo, os fuzis automáticos *Garand* – básico das unidades de Infantaria, como arma individual, foram substituídos, na maior parte, por fuzis “de repetição” *Springfield*, semelhante ao nosso *Mauser* – 1908. (BIBLIEX, op. cit., vol. 8, p. 93)

Em seguida, a tropa foi deslocada para Vada, onde foi distribuído o restante do material e começou o treinamento, de fato, com a presença de oficiais e sargentos instrutores norte-americanos. O sargento Piske relembra esses momentos:

Uma coisa constatamos no primeiro dia: da guerra moderna não sabíamos absolutamente nada! Tudo quanto tínhamos aprendido estava superado e a guerra agora era bem diferente da que “usávamos” no Brasil. Daí nosso máximo interesse em aprender o mais possível. [...] Mas, a instrução teve aspectos curiosos. Quando recebemos o armamento automático, constatamos, com alguma decepção, que os oficiais e sargentos americanos, nossos instrutores, não sabiam o nome das peças das diferentes armas. Ante nossas perguntas, limitaram-se a explicar:

— Não estamos aqui para ensinar nomes de peças. Vamos ensinar-lhes a usar essas armas, que é isso que vocês vão precisar. A nomenclatura é problema dos técnicos, lá na retaguarda... (PISKE, 1987, p. 43)

Observa-se, pois, que essa instrução com o armamento era eminentemente prática e intensa, com o aprendizado baseado na repetição. Corroborando essa assertiva, o general Sebastião José Ramos de Castro, que integrou a FEB como tenente do Estado Maior da 1ª D.I.E., relata sua experiência:

... a instrução também era intensa, conduzida sob a forma de oficinas, cada uma com seus instrutores especializados no assunto. [...] Para demonstrar a situação em que nós nos encontrávamos, cito o meu exemplo: eu nunca tinha lançado uma granada de mão defensiva ou ofensiva como cadete. Tendo que praticar, fui para um espaldão e perguntei ao sargento: “Quantas atiro”? Ele disse: “O senhor atira tantas até se sentir cansado e não ter mais medo de lançar granada.” Então, lancei muitas granadas em um só dia. Havia muita fartura, empregando-se todas as armas da Infantaria. (BIBLIEX, 2001, vol. 4, p. 59)

A Fotografia 17 ilustra o treinamento dispensado às tropas brasileiras, apresentando um grupo de militares realizando exercício de tiro com o fuzil *Springfield M1903*.

Todavia, há relatos de situações nas quais não houve disponibilidade dessa ambientação prévia. Silveira (1989, p. 67-68) observa que os 2º e 3º Escalões, devido ao atraso na entrega do material bélico e ao desencadeamento de operações ofensivas ao longo da estrada Pistóia-Bolonha, tiveram que terminar seu treinamento em combate, utilizando o princípio do “*on the job training*, fórmula que os americanos usaram mais de uma vez com suas próprias tropas, forçados por contingências da guerra”.

Essa situação foi vivida pelo general Ruy Leal Campello (1999) que, como primeiro-tenente, foi subcomandante da 5ª Companhia do 2º Batalhão do 1º R.I. Relata ele que, havendo sua Unidade recebido ordem para substituir tropa do 6º RI em posições na região Affrico-Volpara,

A 5ª Cia estava empenhada em preparativos que incluíam o recebimento de alguns caixotes com armamento. Eram as metralhadoras .45, **das quais não tínhamos, até aquela ocasião, o devido conhecimento**. Abertos os volumes e **lidas as instruções**

para seu manuseio – apesar das dificuldades de tradução -, foi realizada a respectiva distribuição, [...] Recebemos, então, ordem de reunir os oficiais, a fim de cumprimentarmos o Gen Mascarenhas, que vinha visitar o Batalhão [...] solicitei permissão ao Gen Mascarenhas e apresentei minhas observações: “Gen, com a devida permissão de V. Ex^a., acho que devo dizer que na verdade não há faltas. Entretanto, dentro de algumas horas, segundo estamos informados, devemos seguir para o *front* e **acabamos de receber**, há poucos momentos, **armamento completamente desconhecido de todos nós.**” [...] o Cmt da DIE, Gen Mascarenhas, em voz calma, pausada, responde ao jovem Tenente: “Nós já estamos aqui faz algum tempo, e esses problemas têm que ser resolvidos pelos senhores.” [...] Aliás, àquela hora, já estava solucionado: tínhamos **estudado as instruções e os esquemas que acompanhavam o armamento**, sua montagem, desmontagem e possibilidade de emprego, [...] (CAMPELLO, 1999, p. 33-34, grifo nosso)

Tal como ocorreu com o 1º Escalão, os Escalões seguintes também se ressentiram da distribuição de armamento diferente daquela prevista nos Quadros de Organização, o que exigiu adaptações para adequar o material recebido ao que estava previsto receber.

O general Walter de Menezes Paes, que como capitão foi o Oficial de Operações do 3º Batalhão do 1º R.I. (“Regimento Sampaio”), na Campanha da Itália, relata a situação de sua Unidade em novembro de 1944:

O Batalhão está com seus efetivos e dotações completos, praticamente, em pessoal, viaturas e armamento. Este, porém, não corresponde exatamente aos quadros de dotação; não recebemos os fuzis semi-automáticos “Garand”. Em seu lugar, foram distribuídos fuzis de repetição “Springfield”. A falta de pistolas fora superada com submetalhadoras.

As armas automáticas, fuzis-metralhadoras (FM) e metralhadoras (Mtr), não são novas; recebidas na jornada de 19, algumas não haviam respondido bem às experiências, ainda na região de Filletole. Contudo, de modo geral, o estado do armamento é satisfatório. (PAES, 1992, vol. 1, p. 23-24)

Como consequência da distribuição de armamento diferente da prevista, tiveram que ser feitos remanejamentos e redistribuições. Por certo, houve algumas contrariedades. O coronel Waldemar Dantas Borges, que como primeiro-tenente foi o comandante do Pelotão de Transmissões (Comunicações) do 3º Batalhão do 6º R.I., relata que “ficou horrorizado quando lhe deram um fuzil *Springfield*” (BIBLIEX, 2001, vol. 4, p. 176).

Mas, os brasileiros logo aprenderam a realizar o que Bomfim (1995, p. 44) denomina “*midnight requisition*” ou “requisição da meia-noite”: nada mais do que a apropriação de material esquecido ou abandonado por outras tropas, visando a reposição, melhoria ou o simples aumento de disponibilidade do material existente.

Waldemar Dantas Borges (BIBLIEX, op. cit., p. 188) observa que, quando os alemães lançavam um golpe-de-mão ou um contra-ataque, os norte-americanos recuavam,

abandonando uma grande quantidade de material.

Estranhando essa atitude, visto que seu Pelotão de Transmissões ainda se ressentia de uma grande deficiência de material, perguntou a um tenente por que procediam assim. Recebeu dele a resposta de que o material que ficava abandonado podia ser confeccionado, na América, em poucos minutos, enquanto que um combatente precisava de vinte anos para ficar pronto. Essa, aliás, era a filosofia norte-americana, expressa em diversos relatos.

Em consequência disso, prossegue Borges,

os meus homens me disseram: “Está vendo isso, Tenente? Eles estão largando tudo e nós não temos nada”. Então eu disse: “É hora de pegar tudo”. Daí pra frente ficávamos de olho no americano. Se o americano recuava, nós corríamos à posição abandonava e pegávamos tudo dele. [...] Conseguimos até carabinas, cunhetes de granadas de mão, metralhadora .30, que nos deram a alegria de aposentar os arcaicos fuzis do General Custer. A nossa dotação era a carabina .30, porque nós éramos de Comunicações e não fuzileiros [...] (BIBLIEX, op. cit., p. 188)

3.4 O EMPREGO DO ARMAMENTO NORTE-AMERICANO PELA INFANTARIA DA FEB NO TEATRO DE OPERAÇÕES ITALIANO

Ao pesquisar o emprego específico de cada arma individual pela Infantaria da Força Expedicionária Brasileira no Teatro de Operações da Itália, na Segunda Guerra Mundial, logo se observa que os relatos a esse respeito são escassos e, quando ocorrem, normalmente genéricos e pouco precisos.

Para ilustrar essa situação, constatou-se que em nenhuma das 34 edições do informativo periódico “O Cruzeiro do Sul” (2011), produzido (embora, como os demais informativos editados pelas Unidades em campanha, sem conotação oficial) nas dependências do Quartel-General da Divisão Expedicionária, no período de 3 de janeiro a 31 de maio de 1945, é citada a denominação de qualquer arma utilizada pelos combatentes da FEB.

Obviamente, para descrever as ações em combate, esse informativo, que contou com a colaboração de militares de todos os graus hierárquicos, integrantes da FEB, bem como dos correspondentes de guerra que acompanharam as tropas, necessitou citar as armas utilizadas.

Para tanto (op. cit., passim), em várias passagens são citadas “sub-metralhadoras”

[sic], “granadas de mão”, “bazookas” [sic], “fuzis”, “metralhadoras”, etc, todavia, sem nenhuma outra especificação.

Da mesma forma, outras obras trazem poucas informações acerca desse assunto. Dentre essas, pode-se citar “A FEB por seu Comandante”, de autoria do próprio marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes (2005), a qual apresenta pouquíssimas referências genéricas (e nenhuma específica) ao armamento utilizado.

Desta forma, faz-se necessário recorrer a relatos esparsos, pinçando aqui e ali as informações de interesse para montar um mosaico que permita vislumbrar o conhecimento que se busca.

Nesse universo de informações esparsas, as fotografias evidenciam-se como uma grande fonte de conhecimento acerca do uso efetivo do armamento pelos integrantes da Força Expedicionária Brasileira. Estas são complementadas pelos relatos de ex-combatentes e dos correspondentes de guerra que, estando próximos dos “pracinhas”, foram testemunhas oculares de sua história.

Nessa perspectiva, apresentamos a Fotografia 18, a qual mostra um grupo de componentes da FEB com seu armamento individual. Esta imagem é bem representativa, pois permite observar que a maioria dos homens está armada com o fuzil *Springfield M1903*, sendo que o segundo combatente, da esquerda para a direita, sentado, em primeiro plano, segura sua arma com uma granada de fuzil instalada no bocal lançador.

Um aspecto ímpar desta fotografia é que mostra um combatente portando um fuzil *M1 Garand* (sentado à direita do militar citado anteriormente). Essa é uma das poucas imagens que mostra um fuzil *M1 Garand* utilizado por um integrante da FEB.

Nesta fotografia podem ser observadas, ainda, outras armas, como o fuzil-metralhador *B.A.R.*, no solo, apoiado sobre seu bipé, ao lado do homem deitado, em segundo plano, no canto inferior direito da imagem.

Mais atrás, no centro do grupo, um militar expõe uma submetralhadora *Thompson M1*. Outro homem, em pé, na retaguarda, à esquerda, manuseia um cilindro alongado, o qual não está claro tratar-se de um lança-rojão 2.36, um tubo de morteiro ou outro objeto similar.

Bomfim (1995, p. 44) informa que os combatentes da FEB tinham que aprender a utilizar armas de todos os tipos, bem como instruções sobre as armas inimigas, a fim de poder

utilizá-las se houvesse a necessidade.

Paes (1992, vol. 2, p. 116) narra uma situação em que sua Unidade, ocupando posição, lançou diversos “pontos fortes” à frente, os quais receberam reforços de submetralhadoras e granadas de mão. Essas armas, obviamente, todos os homens que sucessivamente ocupassem aquelas posições deveriam estar em condições de operar.

Com relação ao emprego de armamento capturado, Paes (op. cit., p. 53), relata que durante o ataque final a Monte Castello, no dia 21 de fevereiro de 1945, o soldado Arlindo Tavares Pinto, do pelotão do tenente Vidal, encontrou uma posição inimiga abandonada, contendo várias armas. Inutilizou e espalhou várias delas e conduziu consigo uma metralhadora alemã, a qual foi posteriormente utilizada na consolidação da posição conquistada, contra seus antigos donos, para deter um contra-ataque.

Na Fotografia 19, observam-se três integrantes de uma patrulha, onde o primeiro patrulheiro está armado com uma submetralhadora *M3* e o último, aparentemente, com uma *Thompson M1*. Entre eles, um combatente armado com um fuzil-metralhador *B.A.R.*.

3.4.1 Fuzis Springfield M1903 e M1 Garand

Sabe-se que ambos foram fornecidos à FEB. Piske (1984, p. 37), em sua obra “Anotações do Front Italiano”, relata que seu pelotão recebeu fuzis *Springfield* e *Garand* ainda em Tarquínia, mas, embora no decorrer de sua obra relate essas armas em ação, não especifica em que proporção cada uma foi recebida nem como foi sua distribuição.

Bomfim (1995, p. 44), explica que, embora alguns combatentes demonstrassem preferência pelo *Springfield*, em função da sua semelhança operacional com o fuzil *Mausser M1908*, velho conhecido do Exército Brasileiro, a preferência da tropa, em geral, era pelo *Garand*, face ao seu semiautomatismo.

Na Fotografia 20, um combatente brasileiro remunicia o fuzil *Springfield M1903*, com um clipe de carga, de forma idêntica ao fuzil *Mausser M1908*. Pode-se observar, ainda, que o fuzil está com a baioneta acoplada.

A preferência pelo fuzil *Garand* é bem exemplificada pelo relato do general João

Evangelista Mendes da Rocha, que, como capitão, foi comandante da 2ª Companhia do 1º Batalhão do 6º R.I., chegando à Itália com o 1º Escalão da FEB. Ele narra como sua subunidade conseguiu substituir os fuzis *Springfield* pelo *Garand*, utilizando o artifício da “*midnight requisition*”:

Tínhamos o fuzil *Springfield*, tipo Mauser de repetição. O que nos prometeram foi o *Garand*, semi-automático [sic], e que não foi fornecido. Somente mais tarde, na minha Companhia e por ocasião da substituição da 92ª DI americana, apoderamos do referido fuzil. Ao serem substituídos, os americanos dessa malconceituada Divisão, displicentemente, abandonavam seu armamento nas posições. Nós então fazíamos a substituição do *Springfield* pelo *Garand*. (BIBLIEX, 2001, vol. 5, p. 107)

Todavia, embora seja incontestável a preferência pelo fuzil *Garand* (e vários relatos confirmem a substituição dos fuzis *Springfield* por outras armas, sempre que possível), o *Springfield M1903*, dentre os fuzis, é o mais citado nos relatos dos ex-combatentes e aquele que aparece em maior abundância nas fotografias observadas.

Tal como se observa na Fotografia 21, onde o atirador em primeiro plano prepara-se para lançar uma granada de seu fuzil *Springfield M1903*, posicionando a arma com uma inclinação de 45 graus, conforme a técnica prevista. O segundo homem porta uma submetralhadora *M3*, enquanto o terceiro remunícia um fuzil *Springfield M1903*, o qual está com uma baioneta *M1* acoplada.

Por fim, embora Paes (1992, passim) relate constantemente a ação de atiradores de elite (franco-atiradores ou “*snipers*”) inimigos, disparando sobre as posições brasileiras e, inclusive, relatando baixas, não foi observado nenhum relato, em nenhuma das fontes consultadas, que evidencie a utilização de atiradores de elite pelas tropas da Força Expedicionária Brasileira.

Nesse aspecto, alguns relatos, como o do Bacharel Oudinot Willadino, que foi soldado atirador do 3º Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do 3º Batalhão do 6º R.I., sugerem que havia, na FEB, um grande respeito e até mesmo uma certa mitificação dos atiradores de elite inimigos:

[...] fomos treinados e avisados de que em cada uma daquelas casamatas, em cada um daqueles pontos estratégicos havia um atirador de elite. Todo o mundo fora alertado para abrir o olho porque **o alemão acertava no meio da testa** dos nossos soldados. **Caçava-os com luneta. Eles tinham esse equipamento. Eu nunca ouvira falar que se usava luneta na guerra.** (BIBLIEX, 2001, vol. 7, p. 46, grifo nosso)

3.4.2 Submetralhadoras Thompson e M3

Weeks (1974, p. 37) diz que toda guerra tem sua arma “vedete”. Aquela que se destaca mais, no contexto das operações para sobrepular o oponente. Na Segunda Guerra Mundial, essa arma foi a submetralhadora, profusamente empregada por todos os exércitos beligerantes.

Esse emprego também ocorreu na FEB, onde tanto a submetralhadora *Thompson* quanto a *M3* se fizeram presentes. Todavia, enquanto a primeira tornou-se famosa, sendo constantemente citada, a segunda revelou-se uma ilustre desconhecida, não merecendo uma citação sequer em toda a literatura consultada.

Joel Silveira (1945), correspondente de guerra dos Diários Associados, relata constantemente a utilização de “metralhadoras manuais” ou simplesmente “metralhadoras” (SILVEIRA, *Ibid.*, *passim*), nomeando especificamente a *Thompson* em várias citações.

Como, na crônica “História da conquista do Monte Castelo”: “agora mesmo um deles encostou-se num pedaço de muro destruído e aponta sua ‘thompson’ para qualquer lugar lá em cima” (SILVEIRA, *Ibid.*, p. 94).

Ou, ao observar as mudanças do clima, na crônica “A primavera” (SILVEIRA, *Ibid.*, p. 129): “o pracinha [...] voltou ontem de uma patrulha com sua ‘thompson’ enfeitada de madressilvas”.

Pelos relatos observados, pode-se concluir que a submetralhadora *Thompson* gozava de boa reputação entre a tropa. Para a realização de patrulhas, era uma arma muito conceituada.

O capitão Enéas de Sá Araújo, que foi sargento da 5ª Companhia do 11º R.I., na FEB, relembra sua ação ao receber a missão de confirmar a presença de alemães em determinada localidade: “[...] organizei uma patrulha; levei metralhadora *Thompson*, que era muito boa” (BIBLIEX, 2001, vol. 3, p. 104).

De acordo com o que relata o correspondente Joel Silveira (1945, p. 147) em sua crônica “Eu vi morrer o sargento Wolf”, a submetralhadora *Thompson* era a arma portada pelo sargento Max Wolf Filho, do 11º R.I., na patrulha em que foi mortalmente atingido.

Conforme se observa no relato de Silveira, o sargento Wolf, ao adentrar a terra-de-ninguém, “levava o capacete de aço debaixo do braço e a pequena ‘thompson’ apontada para a frente” (SILVEIRA, loc. cit.).

Todavia, não obstante a franca supremacia da *Thompson* nos relatos, a Fotografia 22 confirma a presença das submetralhadoras *M3*, com suas inequívocas silhuetas. Aqui, lado a lado com uma *Thompson M1928A1*, da qual pode-se perceber claramente o compensador *Cutts* na extremidade do cano.

Paes (1991, vol. 1, p. 40) observa que muitos integrantes de guarnições de morteiros, que deviam ser equipados com pistolas, receberam submetralhadoras, sem especificar, todavia, qual arma foi distribuída.

Para esse mister, a *M3*, por sua portabilidade com a coronha retraída, mostra-se superior à *Thompson*. Tal afirmação pode ser observada na Fotografia 23, que mostra uma pequena patrulha transportando suprimentos sobre um trenó, na neve. O primeiro homem, à direita, leva uma submetralhadora *M3*, literalmente pendurada ao pescoço.

Apesar da sua presença constante em fotografias, a *M3* não recebe nenhuma citação específica. Em todos os relatos e registros observados, é tratada genericamente.

Como exemplo, citamos a “parte de combate sobre os reconhecimentos lançados no dia 12 de abril de 1945 pelo I/11º Regimento de Infantaria, de acordo com a ordem do Sr. Tenente-Coronel S/3 do 11º Regimento de Infantaria, para verificar a presença e o valor do inimigo, em face da informação oriunda do IV Corpo de que havia grande movimentação nas linhas inimigas, podendo tratar-se de reforço ou retirada”, transcrita por Almeida (1985, p. 192-194), a qual relata, oficialmente, as ações e as perdas sofridas pela patrulha de reconhecimento na qual morreu o sargento Max Wolf Filho:

IV) – CONCLUSÕES: Os reconhecimentos extraordinários cumpriram suas missões, [...] Nossas perdas foram de um Sargento e dois Soldados mortos, um Sargento e um Soldado feridos e um Sargento e dois Soldados acidentados na ação. Nossas perdas materiais foram um lança-rojão, **uma submetralhadora Thompson, uma submetralhadora ponto 45** e um binóculo. (ALMEIDA, 1985, p. 194, grifo nosso)

Pelo teor desta citação, pode-se concluir que, se uma das submetralhadoras perdidas era uma *Thompson*, a outra, designada genericamente como “ponto 45”, deveria ser, fatalmente, uma *M3*.

Por fim, julgamos interessante explorar uma situação narrada pelo doutor Silas de Aguiar Munguba, que participou da FEB como sargento comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do 1º Batalhão do 1º R.I. e protagonizou um episódio que foi relatado com o título “Patrulha Tenente Rigueira”, na 2ª página da edição nº 6, de 21 de janeiro de 1945, do noticiário “O Cruzeiro do Sul” (O CRUZEIRO..., 2011), bem como na crônica “Frente Calma”, do correspondente de guerra Rubem Braga (BRAGA, 1996, p. 123). Em ambos relatos, ele é referido como “Sargento Sila”.

Relata ele que, integrando patrulha de combate comandada pelo tenente Rigueira, seu comandante de pelotão, encontra-se frente a frente com um sentinela alemão:

Empunho a metralhadora, aponto para ele (estava perto, talvez uns 15 metros); quando puxo o gatilho, não funciona; pronto, a metralhadora não funcionou; peguei uma granada de mão; [...] lancei a granada. Acabei com aquele camarada ali. Muito bem, volto e peço ao Tenente que me dê outra metralhadora [...], porque a minha tinha falhado. Ele me deu a metralhadora [...] e, quando estou regressando àquela elevação, encontro-me face a face – talvez não houvesse cinco metros entre nós dois – com o segundo alemão que ia subindo. Um fica olhando para o outro; eu pego e aponto a metralhadora que falha novamente; ele me joga uma granada de mão, que cai entre as minhas pernas; [...] graças a Deus, a granada não explodiu e eu peguei a minha, joguei-a e ela funcionou. (BIBLIEX, 2001, vol. 2., p. 94)

Observe-se que a arma referida não é identificada. Como a submetralhadora *Thompson* é normalmente citada pelo nome, é lícito crer que se trata de uma *M3*. Todavia, não é possível afirmar com total convicção.

Causa estranheza o fato de que as duas armas utilizadas, as quais, independente do modelo, são reconhecidamente confiáveis, tenham falhado, na mesma missão. Todavia, o próprio depoente acrescenta, em seguida, em seu relato:

Quando fizemos aquela patrulha, como observei, a temperatura era de 20°C abaixo de zero e nós havíamos lubrificado as armas, tudo *direitinho* para não falhar. Exatamente, o fato de ter lubrificado, parece, gerou o incidente; o lubrificante congelou e virou um sebo, uma substância grossa; nenhuma metralhadora funcionou naquele dia. (BIBLIEX, loc. cit.)

Deste relato, pode-se concluir que a falta de ambientação dos brasileiros com a temperatura negativa extrema induziu ao erro na manutenção do armamento, que foi realizada seguindo o procedimento padrão utilizado em situações normais. Mas, a lição seguramente foi aprendida e os procedimentos de manutenção condizentes com o clima existente, aplicados.

Na obra “A ação das pequenas unidades alemãs na Campanha da Rússia” (1987)

pode-se observar que fato semelhante aconteceu a tropas alemãs que, no final de janeiro de 1942, ocupavam posição próximo a Khristishche, durante a Campanha da Rússia.

Em uma noite com temperatura muitos graus abaixo de zero, a posição alemã foi vigorosamente atacada por tropas russas, que foram rechaçadas a muito custo. Nessa ação, “a única metralhadora alemã que conseguiu disparar foi a que havia sido guardada no interior de uma casa [...] evidenciando a importância da manutenção constante e adequada do armamento, de acordo com as características da área de operações” (AÇÃO..., Ibid., p. 26).

Na noite seguinte, os russos atacaram novamente, em massa e com maior vigor, sendo outra vez rechaçados e sofrendo cerca de 900 baixas. Dessa vez, todas as metralhadoras funcionaram e “Khristishche permaneceu em poder dos alemães porque sua guarnição estava alerta e havia **aprendido a cuidar de suas armas**” (AÇÃO..., Ibid., p. 30, grifo nosso).

Assim, pode-se concluir que o equívoco na manutenção do armamento em condições adversas não é exclusividade de tropas oriundas de um país tropical e não ambientadas em regiões gélidas, podendo acontecer mesmo com tropas experientes, adestradas, já conhecedoras dos rigores do inverno europeu e altamente conceituadas, como as alemãs.

Nesse aspecto, Máquinas de Guerra (1987, p. 101) ensina que os rudes e experimentados combatentes russos conheciam a melhor forma de manter suas armas operativas, pois “sob o clima difícil da frente oriental, com muita poeira, neve e gelo, logo ficou claro que a melhor maneira de manter a arma funcionando era conservá-la sempre seca e nunca usar óleo lubrificante; do contrário, ela congelaria e emperraria”.

O sargento Silas e o pelotão do tenente Rigueira descobriram isso por si sós, por conta de sua própria experiência em combate.

3.4.3 Carabina .30 M1

Pelos relatos observados, a carabina .30 *M1* foi utilizada indistintamente por oficiais, motoristas, fuzileiros, guarnições de blindados, equipes de Comunicações e de Manutenção, entre outros.

O soldado Raul Kodama (BIBLIEX, 2001, vol. 3, p. 265), motorista do 3º Grupo de Obuses da FEB, relata que tinha “um ‘riflezinho’ americano, arma leve – carabina .30”, enquanto o soldado fuzileiro da 8ª Companhia do 6º R.I., Vicente Pedroso da Cruz (op. cit., p. 300), relata que recebeu “a carabina .30, uma arma leve e muito boa de tiro”.

Almeida (1985, p. 154) relata a ação que resultou na captura de dois soldados alemães no interior da torre de Montese:

[...] o Comandante do Pelotão, acompanhado de um soldado, subiu uma rampa, que tem no seu topo a entrada da torre e, na ocasião, estava com a porta entreaberta; então, o Comandante dá um violento pontapé na mesma e penetra impetuosamente para seu interior, armado com uma **carabina ponto 30**, dando de cara, a menos de três metros, com os dois soldados alemães que, surpreendidos, entregaram-se imediatamente, sem esboçar nenhuma reação. (ALMEIDA, loc. cit., grifo nosso)

Na Fotografia 24, que Fröhlich (2011, p. 43) identifica, em sua obra, como “recepção festiva ao Esquadrão de Reconhecimento da FEB pela população italiana, em Massarosa, em 17/09/1944”, pode-se observar um “pracinha”, sobre o motor do blindado de reconhecimento *M8* brasileiro, segurando uma carabina *.30 M1*.

O coronel Gilberto Pessanha (BIBLIEX, 2001, vol. 8, p. 108), que foi, como capitão, comandante da Companhia de Manutenção Leve da FEB, relata que seu pessoal utilizava, como armamento individual, pistolas, carabinas *M1* e fuzis. A carabina “arma semi-automática, leve e muito precisa”, era considerada, por ele, “muito sensível, se não estivesse travada”.

Tanto que relata um disparo acidental, produzido pela queda de uma arma, o qual atingiu a perna do cabo motorista Jacques Pierre Jean Aubert, fraturando-lhe o fêmur e, em decorrência de complicações posteriores, resultando na amputação do pé do membro atingido.

3.4.4 Pistola Colt 1911A1

Paula Neto (2014e) relata que, por força do contrato com o governo americano, as pistolas *Colt 1911A1* do contrato brasileiro de 1937 deviam fazer parte do arsenal a ser utilizado pela FEB, sendo que somente os oficiais foram autorizados a levá-las como arma de porte.

O referido autor declara que não se sabe se todas as armas do contrato seguiram para a Itália, mas, segundo ele, acredita-se que grande parte delas seguiu para lá, permanecendo as demais no Brasil, com o contingente que não embarcou.

Paula Neto (2014e) ensina que as pistolas *Colt 1911A1* do Contrato Brasileiro são facilmente reconhecíveis por possuir, na lateral direita do ferrolho, o Brasão de Armas brasileiro (por isso, são conhecidas como “brasonadas”), a inscrição “EXÉRCITO BRASILEIRO”, seguido pelo número de controle do Exército, e a data “1937” (sendo que, em alguns exemplares, consta o ano “1940”), conforme pode-se observar na Fotografia 25.

Esse autor (Ibid.) também observa que, embora as armas produzidas a partir de 1937 já possuíssem o dispositivo *Schwartz Safety* (citado no tópico 2.1.6), por algum motivo as pistolas do Contrato Brasileiro vieram sem esse dispositivo de segurança.

Todavia, como somente os oficiais foram autorizados a conduzir as *Colt 1911A1* do Contrato Brasileiro para a Itália, é lícito supor que mais pistolas tenham sido fornecidas pela *PBS* norte-americana para equipar outros combatentes dotados com essa arma e substituir as que tenham sido danificadas, extraviadas ou capturadas, ainda que não tenham sido observados relatos nesse sentido.

Com base nos relatos observados, as pistolas, embora tenham participado da campanha, foram pouco utilizadas pelos combatentes, servindo, como as facas de trincheira, mais como um recurso para a defesa pessoal do que como uma arma operacional.

Além disso, sabe-se, com base nos relatos de Paes (1991, vol. 1, p. 40), que muitos combatentes que deveriam ser equipados com pistolas, como os serventes das peças de morteiro, foram armados com submetralhadoras.

Dentre os poucos relatos observados, o citado autor (Ibid., vol. 2, p. 52) narra a atuação do capitão Lydio, comandante da 8ª Companhia do 3º Batalhão do 1º R.I., o qual lidera sua subunidade no ataque ao Monte Castello, em 21 de fevereiro de 1945, “[...] destemeroso e calmo. Está sem capacete, usando apenas o gorro de lã. À mão, a pistola.”

O tenente Hugo Alves Correa, comandante de pelotão da 2ª Companhia do 1º Batalhão do 6º R.I., narra que em certa ocasião precisou deslocar-se sozinho, a pé, por cerca de um quilômetro, de volta a seu posto de comando. Com suas palavras, conta que “com a

pistola destravada na mão direita, embrenhei-me pela estrada, mas com um medo descomunal de ser massacrado por alguma patrulha alemã [...]” (BIBLIEX, 2001, vol. 5, p. 312).

3.4.5 Fuzil-metralhador B.A.R.

Comumente denominado, nos relatos observados, “fuzil-metralhadora” ou, simplesmente, “FM”, o *B.A.R.* teve uma participação ativa, como arma de apoio dos grupos de combate, nas ações da Infantaria da FEB.

Na Fotografia 26, observa-se um “pracinha”, que Aguiar e Rabbit (2005, p. 14) identificam como o sargento Otaviano Silva, guarnecendo um campo com prisioneiros alemães da 148ª Divisão de Infantaria, em maio de 1945, armado com um *B.A.R. M1918A2*. Pode-se notar que esta arma está sem o bipé e sem o bocal quebra-chamas na extremidade do cano.

Piske (1984, p. 169), relata uma ação na qual seu pelotão é atacado e “[...] vários alemães saíram correndo. Quando um FM abriu fogo em cima deles, pararam de mãos para o alto”, revelando a perícia do atirador da arma automática e o respeito que esta impunha.

Um desses atiradores, o então soldado da 1ª Companhia do 1º Batalhão do 6º R.I., Vicente Gratagliano, foi condecorado com a Cruz de Combate de 1ª Classe, da FEB, e a *Silver Star*, do Exército dos Estados Unidos. Entre as ações meritórias que realizou, destaca-se a citação recebida por ocasião da concessão da Cruz de Combate de 1ª Classe:

No dia 5 de março de 1945, no ataque ao Soprassasso, mais uma vez demonstrou coragem e sangue frio, tendo localizado uma resistência inimiga que atirava na sua direção, lançou-se resolutamente para frente, debaixo de cerrado bombardeio de Artilharia e posto seu fuzil-metralhadora em posição, metralhou a arma que hostilizava a progressão do seu pelotão, permitindo assim que prosseguisse o movimento. (BIBLIEX, 2001, vol. 3, p. 296)

O correspondente de guerra Rubem Braga (1996, p. 291), relembra, ainda, o soldado José Soeck, o qual, no Vale do Serchio, sob ataque, manteve-se em posição para cobrir a retirada do seu pelotão. Cumprida a missão, é atingido ao tentar retrair, morrendo “com todo o seu equipamento e ainda abraçando o seu BAR (Browning Automatic Rifle), que ele manejava tão bem e sempre conservava cuidadosamente brilhante e bem lubrificado...”.

3.4.6 Metralhadora Browning .30

A metralhadora *Browning .30*, refrigerada a ar (ou seja, o *Modelo 1919*), nos relatos observados, é normalmente designada apenas dessa forma ou, ainda, como “metralhadora leve”, sem qualquer menção ao modelo específico.

Exemplificando esta afirmação, Paes (1992) relata que, no dia 18 de março de 1945, “o Batalhão Uzeda realizou um golpe-de-mão sobre Marne, com a finalidade de fazer prisioneiros. Sobre o objetivo, foi lançado um Pelotão reforçado com uma peça de **metralhadora leve**” (PAES, *Ibid.*, vol. 2, p. 143, grifo nosso).

Piske (1984) relata que na noite de 28 para 29 de abril de 1945, sua Unidade está em posição nas proximidades de Fornovo di Taro, integrando o cerco à 148 D.I. alemã:

As posições da 1ª Companhia, com seus três Pelotões desdobrados no cimo da colina, formam uma espécie de ferradura. [...] Em cada flanco da Companhia, foi montada uma **metralhadora .30** e bem no centro, uma terceira, cedida pela Companhia de Petrechos do Batalhão. Há naturalmente os três fuzis-metralhadoras dos três Pelotões e as armas individuais dos soldados. [...] A ordem era deixar os alemães chegarem à distância de granada de mão, o que significa uns trinta metros, de onde poderiam utilizar granadas de mão para nos atingir. Só a partir daí é que abríamos fogo. [...] As três **metralhadoras pesadas** estavam em tal posição que ao abrirem fogo, as balas cruzavam-se em meio à trajetória, isto é, mais ou menos no ponto em que o inimigo estaria nesse momento. Some-se a isso o fogo das armas individuais e dos fuzis-metralhadoras, e ter-se-á uma ideia da malha de aço e chumbo em que ficava envolvido o inimigo que nos atacava. (PISKE, 1984, p. 193-194, grifo nosso)

Piske (*Ibid.*, p. 196, grifo nosso) prossegue seu relato, observando que, durante uma pausa no combate, após o primeiro ataque alemão, os defensores recebem o necessário remuniamento e, “além da munição, aliás à vontade, chegaram duas **metralhadoras .30** para reforçar nossas posições.”

Ele prossegue seu relato, recordando que, nesse momento:

O outro atirador de metralhadora berrou:
 — Atenção, gente! Lá vêm eles.[...]
 Lá estavam eles de novo, de fato. Uns cem pelo menos.
 — Você é quem manda, meu chapa. Quando achar que tá na hora de cutucar eles, é só avisar. [...]
 Baixinho, dei a ordem para atirar. O soldado molhou o dedão nos lábios sujos de lama, passou-o na alça de mira e disse:
 — Desculpem o mau jeito, irmãos...
 Ato contínuo apertou o gatilho e foi varrendo a frente de nossos abrigos. Só parou quando a fita de 250 balas estava gasta. (PISKE, 1984, p. 197)

O desfecho final dessa ação de combate é conhecido: a 148ª Divisão de Infantaria alemã não conseguiu romper o cerco da Força Expedicionária Brasileira e rendeu-se, escrevendo-se uma das mais belas e gloriosas páginas da história militar do Brasil.

Todavia, ainda que este relato evidencie a o perfeito entrosamento entre as armas utilizadas (metralhadoras, fuzis-metralhadores e armamento individual), bem como a adequada disposição do armamento, aproveitando o terreno para organizar a posição defensiva, com o correto cruzamento de fogos, em nenhum momento se especifica o tipo de “metralhadora ponto trinta” que está sendo utilizado em cada passagem.

É possível observar, na primeira citação, que Piske (1984, p. 193) cita “metralhadoras pesadas”. Essa denominação era normalmente atribuída às metralhadoras *Browning .30 M1917*, refrigeradas a água. Assim, é possível que realmente sejam estas, ou, ainda, as metralhadoras *Browning .30 M1919A4*, montadas sobre reparo tripé (*M2*), sendo esta conclusão mera conjectura.

Da mesma forma, na citação seguinte, Piske (*Ibid.*, p. 196) relata a chegada de mais duas metralhadoras ponto trinta, em reforço, sem especificar quais seriam. Essas, poderiam até mesmo ser as *Browning .30 M1919A6*, permanecendo, mais uma vez, a conclusão como mera conjectura.

A Fotografia 27 permite observar claramente a utilização das metralhadoras *Browning .30 M1919A6* pela FEB. As armas, servidas por seus atiradores e municionadores, estão sendo municionadas por fitas de lona, acondicionadas em seus respectivos cofres metálicos.

É possível observar, ainda, uma granada de mão *Mk IIA1* sobre a tampa do cofre de munição em primeiro plano, bem como mais algumas, no chão, entre as armas, dispostas para serem prontamente utilizadas para repelir o inimigo que, eventualmente, conseguisse se aproximar demais da posição.

3.4.7 Lança-rojão 2.36

O lança-rojão 2.36 é citado com frequência nos relatos da FEB, normalmente

denominado “bazuca” ou, mais comumente nos relatos da época, na sua versão original em inglês, “bazooka”.

Em todos os relatos observados, porém, sua utilização se deu contra posições fortificadas, abrigos, edificações ou simplesmente contra pessoal. Não foi percebido nenhum relato de sua utilização contra blindados ou carros de combate inimigos.

Em suas anotações, Piske (1984, p. 190, grifo nosso), em certo momento, reclama que, “além da arma e da munição, que todos carregavam, eu tinha o rádio e **uma parte da bazooka**, para me atrapalhar”. Esse comentário permite concluir que se tratava de um lança-rojão desmontável, portanto, *M9* ou *M9A1*.

Dentre os muitos relatos sobre o uso do lança-rojão 2.36, julgamos que dois merecem destaque, pela invulgar atuação de seus operadores.

No primeiro, o general Raul da Cruz Lima Júnior, que, como capitão, comandou a 2ª Companhia do 9º Batalhão de Engenharia de Combate da FEB, relata que durante o ataque a Castelnuovo, observa o avanço das companhias de Infantaria, apoiadas por elementos de Engenharia para a remoção de campos de minas que fossem encontrados durante a progressão. Em determinado momento, subindo a cota 702, o silêncio é quebrado quando,

de repente, no alto do morro aparecem alguns alemães instalando uma metralhadora e, ato contínuo, passaram a dar rajadas para baixo, sobre as encostas íngremes. A resposta não se fez demorar. De todos os lados partiam tiros de todos os calibres, [...] **Um atirador de bazuca** (lança-rojão) **fazia prodígios de habilidade e coragem**: levantava-se, atirava sua carga sobre a metralhadora e rolava alguns metros morro abaixo, como se tivesse sido baleado. Eis que, de repente, municada a arma, sobe morro acima, rastejando e, novamente, arroja seu tiro, que não atinge o alvo, protegido por uma casamata. [...] a tropa investe mais de perto. [...] o impossível acontecera: a cota 702, tão íngreme, estava nas mãos brasileiras (LIMA JÚNIOR, 1982, p. 134, grifo nosso)

Em outra ação digna de nota, o então sargento Ferdinando Piske (op. cit., p. 171), acompanha seu pelotão, que se instala em posições defensivas em uma elevação de onde se avista a cidade de Zocca, com a missão de apoiar um pelotão da 3ª Companhia de seu Batalhão, em patrulha de reconhecimento naquela localidade.

Quando a patrulha se encontra no interior da cidade, é atacada por alemães que se escondiam dentro das casas. Rapidamente, seus integrantes respondem ao fogo e se abrigam no interior das edificações. Piske recorda que:

Foi então que vimos uma coisa que, se me contassem, dificilmente eu acreditaria: de repente, um pracinha da patrulha, **bazooka no ombro**, pulou no meio da rua, onde se ajoelhou. Imediatamente centenas de balas picaram o calçamento em volta dele. O pracinha, imperturbável, levantou a arma, fez pontaria (num tempo que me pareceu um século), e disparou. A granada deve ter batido no lado da janela da torre onde estava a lourdinha. Esta silenciou e o sino deu algumas rápidas batidas, como se alguém estivesse segurando a corda que o acionava. Como os alemães todos voltassem suas atenções para aquele pracinha isolado, no meio da rua, deram chance aos demais, inclusive à nossa patrulha, para caprichar na pontaria. O pracinha, com três pulos espetaculares, voltou para dentro de uma casa. Dentro de mais ou menos cinco minutos, a patrulha tinha livre o caminho de volta. (PISKE, 1984, p. 172, grifo nosso)

Complementando as citações sobre o uso do lança-rojão, merece citação, como curiosidade, o relato do general Moziul Moreira Lima, que, como capitão, foi chefe da 1ª Seção do 1º Batalhão do 1º R.I.

Ele reconhece que a capacidade de adaptação do brasileiro a quaisquer circunstância foi o que mais o impressionou em sua experiência vivida com a FEB. E complementa com um curioso exemplo dessa capacidade de improvisação, observando que

temos muita confiança na nossa capacidade. Por exemplo, se um fuzil-metralhadora enguiçava, tinha que preencher uma papeleta para enviá-lo para a retaguarda. Daí levavam dez ou 12 dias para retornar aquela arma ao combate; o Tenente ficava aquele tempo todo com menos uma arma automática. As normas de Operação do Mediterrâneo diziam que a arma destruída pelo fogo inimigo deveria ser substituída imediatamente. Então, quando o FM enguiçava, o Tenente colocava a arma a cem metros de distância, **dava um tiro de bazuca**, comunicava a destruição da arma e no dia seguinte recebia outra... (BIBLIEX, 2001, vol. 3, p. 63-64, grifo nosso)

3.4.8 Granadas de mão e de fuzil

De acordo com os relatos observados em várias fontes, as granadas de mão e de fuzil foram profusamente utilizadas pelos integrantes da Infantaria da FEB. Não obstante, em nenhum relato foi observada a citação do tipo ou da denominação das granadas utilizadas.

Ao analisar relatos e imagens, como a Fotografia 25, pode-se concluir que a granada de mão mais utilizada foi a *Mk IIA1*, defensiva. Da mesma forma, a granada de fuzil mais observada é a *M9A1*, que pode ser vista claramente nas Fotografias 18 e 21.

Neste trabalho, no tópico 3.4.2., foi relatado como o então sargento Silas de Aguiar Munguba (BIBLIEX, 2001, vol. 2., p. 94), durante uma patrulha, tendo falhado sua

submetralhadora por duas vezes, enfrentou e venceu inimigos utilizando granadas de mão, em combates a curta distância.

Outro relato, de semelhante teor, foi publicado à 3ª página da edição número 14, de 18 de fevereiro de 1945, do informativo “O Cruzeiro do Sul” (2011), em uma crônica intitulada “a estreia do Luciano numa Patrulha de reconhecimento”, a qual narra a primeira patrulha do soldado José Luciano Vieira, do 1º R.I.

Desgarrando-se de seu grupo, ele encontra uma casa, na qual entra e, para sua surpresa, acaba ficando cara a cara com um alemão, que saca dois “martelos” do cinturão, lançando-os contra ele. Sem entender direito, percebe que

[...] há uma explosão, lá fora. E então o Luciano “acorda”, raciocina e conclui que aquilo não era “martelo” mesmo, eram granadas... Volta a si do primeiro torpor e se lembra de que **também ele tem granadas no cinturão**. Tira uma, arranca-lhe o grampo e, para certificar-se si [sic] ela “funcionava mesmo” leva-a, antes, ao ouvido. Funcionava, sim (o Luciano conta que ouviu um chiadinho dentro da granada...). Satisfeito, atira-a contra o boche. Explosão, fumaça, e quando, por fim, o Luciano pode ver alguma coisa, verifica que o tedesco estava esfacelado... Assustado de sua própria audácia, o nosso pracinha faz meia-volta e desabala num carreirão para as nossas linhas. (O CRUZEIRO..., 2011, ed. 14, p. 3, grifo nosso)

Relatos como esse, que citam o uso de granadas, são abundantes. Na crônica “A Fera”, Joel Silveira (1945, p. 103) conta que quando o pelotão do tenente Celso Patrício de Aquino consegue chegar ao cume do Monte Castelo, os alemães ainda ocupavam algumas casamatas de concreto, que foram atacadas com lança-rojões. Mas,

como a bazuca não resolvesse, o tenente Aquino teve que improvisar uma estratégia de emergência e mandou que seus homens, em bloco, descarregassem **alguns quilos de granadas de mão** sobre os nazistas e seus buracos de cimento. Isto resolveu. (op. cit., grifo nosso)

Paes (1991, vol. 1, p. 209) relata, em seu diário de campanha, que uma patrulha inimiga com cinco homens chegou a quarenta metros de uma posição de sua Unidade, sendo “repelida a granada de mão”.

Outra aplicação muito comum para as granadas de mão era na montagem de armadilhas improvisadas. Piske (1984) relata em detalhes a montagem de um dispositivo desse tipo, para proteger uma rota de acesso às posições ocupadas pelo seu pelotão, em Boscaccio:

A armadilha constava do seguinte. Estendemos um fio telefônico desde o abrigo da sentinela, na entrada de Boscaccio, até a bifurcação da estrada, lá adiante, de onde se pode alcançar Castelnuovo e Precária. Depois amarramos cerca de 20 granadas de mão em árvores, a espaços regulares. Em seguida amarramos o grampo de segurança de cada granada ao fio telefônico. Por fim, o serviço mais difícil e perigoso: o grampo de segurança está preso por um contrapino enfiado num lado e cujas pontas, abertas de outro lado, impedem que ele saia do seu alojamento. Enquanto estiver nessa posição, tudo bem. Basta, porém, puxá-lo para fora e soltar o grampo, e dentro de três segundos a granada explode. Nosso serviço consistia, pois em acertar as pontas do contrapino, de tal forma que, se alguém puxasse o fio telefônico, todos os grampos viriam juntos e as granadas explodiriam simultaneamente. Agora imaginem a gente fazer um serviço desses no escuro! (PISKE, 1984, p. 106)

As granadas de fuzil, por sua vez, destinavam-se a lançar esses artefatos explosivos a distâncias maiores e com mais precisão do que aquelas lançadas com a mão. Além disso, as granadas *M9A1* apresentavam o efeito de “carga oca”, que as permitiam perfurar blindagens, fazendo-as possíveis de ser empregadas contra veículos blindados.

Paes (1991, vol. 1, p. 170) confirma essa informação, ao relatar que, havendo a possibilidade do emprego de carros inimigos à frente de suas posições, prepararam a “defesa anticarro com bazucas e granadas de fuzil”.

Em complemento ao assunto em tela, faz-se imperativo recordar que para o lançamento de granadas de fuzil, estes devem estar munidos do respectivo bocal lançador. Bomfim (1995, p. 44) relata que os soldados encarregados de lançar granadas preferiam manter os fuzis *Springfield M1903*.

De fato, embora possam ser observadas algumas fotografias mostrando integrantes da FEB portando fuzis *Springfield M1903* com granadas instaladas no bocal, não foi observada nenhuma imagem ou relato que confirmasse o uso de lançadores de granada nos fuzis *M1 Garand*.

Recordando, para o lançamento de granadas com o fuzil *M1 Garand*, descrito por Paula Neto (2014h), é necessário retirar a munição contida no depósito, inserir manualmente os cartuchos especiais *M3* e regular o dispositivo de passagem de gases existente no lançador *M7*, fechando a passagem para o cilindro de gases.

Durante essas operações, a arma permanece sem munição comum. Para ser utilizada normalmente, deverá ser remuniçada e alterada a regulação do dispositivo de passagem de gases, sem o qual a arma não executa o ciclo de recarregamento automático.

No fuzil *Springfield M1903*, por sua vez, o atirador necessita apenas inserir os cartuchos *M3* na arma. Conforme apresentado por Zanotta (1994, p. 45), o retém do curso do ferrolho deste fuzil permite, quando colocado na posição “OFF”, municiar manualmente a arma, tiro a tiro, mantendo o depósito cheio.

Essa possibilidade permite ao atirador ir lançando granadas, sucessivamente, tendo a possibilidade de, numa eventual alteração da situação tática, rapidamente mudar a condição de sua arma e passar a utilizar munição comum, sem a necessidade de outros ajustes.

Todavia, ainda que existam todas essas possibilidades, a utilização desses procedimentos na FEB não foi observada em nenhum relato, permanecendo na esfera das conjecturas.

Da mesma forma, não foi confirmada a distribuição de lançadores de granadas específicos para o fuzil *M1 Garand*. A única menção específica a esses equipamentos, ainda assim de forma incidental e genérica, foi observada no relato do coronel Gilberto Pessanha (BIBLIEX, 2001), então capitão comandante da Companhia de Manutenção Leve da FEB.

Recorda ele que, na Itália, por ocasião do recebimento do material bélico que seria distribuído às Unidades da Força Expedicionária Brasileira, sua equipe realizava a verificação do conteúdo de todas as caixas de equipamentos e de armamentos, abrindo-as e verificando se a quantidade e espécie estavam de acordo com a etiquetagem,

o que era necessário, pois frequentemente se verificavam erros de rotulação; houve um caso em que o “rótulo” informava o conteúdo de 86 **lança-granadas de fuzil**, e dentro da caixa se aninhavam 24 pistolas Colt .45, o que determinava sua devolução para troca na Base Peninsular, sem muita burocracia e com grandes vantagens para nossa credibilidade junto àquela organização. (BIBLIEX, *Ibid.*, vol. 8, p. 95-96, grifo nosso)

Na Fotografia 28, pode-se observar o último homem da coluna que se aproxima de Montese, transportando o fuzil *Springfield M1903* em bandoleira, no ombro. Instalada na arma, uma granada de fuzil *M9A1*, pronta para ser utilizada.

Embora, com base nos relatos e imagens obtidos, as granadas de fuzil tenham sido empregadas durante as operações defensivas, ofensivas e de patrulha em que a FEB esteve envolvida no Teatro de Operações da Itália, não foi observada, em nenhuma das fontes consultadas, a utilização de outros tipos de granada de fuzil, além das *M9A1*, identificadas nas Fotografias 18, 21 e 28, reproduzidas neste trabalho.

4 CONCLUSÃO

Castro e Bittencourt (1991, p. 63) relatam que, durante a Guerra da Tríplice Aliança, o Brasil adquiriu modernos fuzis de retrocarga *Dreyse* (os conhecidos “fuzis de agulha”) para equipar seus soldados. Estes, porém, não se adaptaram a essas armas e “preferem tomar os velhos [fuzis de] antecarga dos mortos, após jogar fora seus sofisticados, mas complicados, *Dreyse*” (loc. cit.).

Menos de um século depois, a Força Expedicionária Brasileira foi formada às pressas, deixando para trás um Exército dotado de doutrina, armamento e equipamento ultrapassados e indo lutar em outro continente, ao lado de exércitos Aliados que lhes forneceram as técnicas, táticas, equipamentos e armamentos mais modernos que possuíam.

Pode-se observar, neste trabalho, que o mesmo armamento leve empregado pela Infantaria do Exército dos Estados Unidos no Teatro de Operações da Itália, na Segunda Guerra Mundial, foi distribuído à Infantaria da Força Expedicionária Brasileira.

Assim, foi possível constatar o uso, pela FEB, dos fuzis *Springfield M1903* e *M1 Garand*, das submetralhadoras *Thompson* e *M3*, das carabinas *.30 M1*, das pistolas *Colt 1911A1*, dos fuzis-metralhadores *B.A.R.*, das metralhadoras *Browning .30 M1919*, dos lança-rojão 2.36 e das granadas de mão e de fuzil empregadas pelas Unidades norte-americanas, os quais tiveram suas características técnicas e seu histórico de desenvolvimento apresentados na primeira parte deste trabalho.

Constatou-se, também, que a FEB foi equipada com armamento moderno e sofisticado, mas a dificuldade de adaptação observada na Guerra da Tríplice Aliança não se repetiu. Pelo contrário: os brasileiros, sempre que podiam, buscavam trocar os bons, mas naquele momento já ultrapassados, fuzis *Springfield M1903* por armas mais eficientes, como o potente e semiautomático fuzil *M1 Garand* ou as leves e também semiautomáticas carabinas *.30 M1*.

Apesar de algumas dificuldades iniciais, causadas pela insuficiente preparação e pelas incessantes novidades com que se deparavam a todo momento, os soldados brasileiros rapidamente se amoldaram às circunstâncias, criando, muitas vezes, soluções criativas e originais para superar as situações normais e extraordinárias pelas quais passavam.

Podemos constatar, neste trabalho, que os “pracinhas” brasileiros se adaptaram rapidamente ao armamento norte-americano recebido e procuraram tirar dele o máximo de

seu potencial. Desta forma, pode-se afirmar que as armas empregadas pela Infantaria da Força Expedicionária Brasileira contribuíram decisivamente para o desempenho alcançado por essa tropa no Teatro de Operações da Itália, em 1944-1945, na Segunda Guerra Mundial.

Ainda, a forma como os integrantes da FEB se adaptaram ao armamento norte-americano, muito mais avançado e sofisticado do que aquele disponível no Exército Brasileiro de então, contribuiu da mesma forma para confirmar a invulgar capacidade de adaptação e inata facilidade de improvisação que caracterizaram o combatente brasileiro, distinguindo-o perante todos os demais.

Por fim, podem-se vislumbrar outros temas relacionados, para maior aprofundamento de estudo, como o armamento pesado de apoio da Infantaria, o armamento da Artilharia, os equipamentos individuais e coletivos utilizados pelas tropas, o equipamento especializado de Engenharia e as viaturas leves e blindadas recebidas e empregadas pela Força Expedicionária Brasileira, naquele período e naquele Teatro de Operações da Segunda Guerra Mundial.

REFERÊNCIAS

A COBRA FUMOU. **Defesa na neve em Porreta Terme**. Disponível em: <http://cobrafumou.webnode.com.br/album/galeria-de-fotos-imagens>. Acesso em: 04 nov. 2014

AÇÃO das pequenas unidades alemãs na Campanha da Rússia. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1997.

AGUIAR, Douglas S.; RABBIT, Frank. Browning Automatic Rifle. **Magnum**. São Paulo, ano 14, n. 90, p. 13-18, fev./mar. 2005.

ALMEIDA, Adhemar Rivermar de. **Montese**: marco glorioso de uma trajetória. 1ª ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.

ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. **Fotografias da FEB**. Disponível em: <http://www.ahex.ensino.eb.br/index.php/pt/exercito-brasileiro>. Acesso em 29 jul. 14.

BIBLIEX. **História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Vol. 1 a 8. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

BOMFIM, Luiz Paulino. A utilização do Garand pela FEB. In: TENDLER, Lincoln José. Fuzil M1 Garand: o preferido da Infantaria na 2ª Guerra Mundial. **Magnum**. São Paulo, ano VII, n. 41, p. 40-45, dez. 1994/jan. 1995.

BRAGA, Rubem. **Crônicas da guerra na Itália**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.

CAMPELLO, Ruy Leal. **Um capitão de infantaria da FEB**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

CAMPOS, Aguinaldo José Senna. Organização da FEB. **Revista do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro, vol. 121, n. 4, p. 14-23, out./dez. 1984.

CASTRO, Adler Homero Fonseca de; BITTENCOURT, José Neves. **Armas**: Ferramentas da Paz e da Guerra. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1991.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO (CEPHiMEX). Libertadores! Os heróis do Brasil. **Verde-Oliva**. Brasília, ano XL, n. 214, p. 48-50, jan./fev./mar. 2012.

FERNANDES, Fernando Lourenço. **A Estrada para Fornovo**: A FEB - Força Expedicionária Brasileira, outros exércitos & outras guerras na Itália, 1944-1945. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Biblioteca do Exército, 2011.

FRÖHLICH, Sirio Sebastião. **Longa Jornada**: Com a FEB na Itália. Brasília: EGGCF, 2011.

FROTA, Guilherme de Andrea. **Quinhentos anos de História do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000.

IMFDB. **M1 Rocket Launcher “Bazooka”**. Disponível em: http://www.imfdb.org/wiki/M1_

Rocket_Launcher_”Bazooka”. Acesso em 5 nov. 2014.

INERT-ORD. **American Grenades & Ordnance**. Disponível em: <http://www.inert-ord.net/usa03a/index.html>. Acesso em 5 nov. 2014.

LIMA JUNIOR, Raul da Cruz. **Quebra canela: A Engenharia Brasileira na Campanha da Itália**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1982.

MÁQUINAS DE GUERRA: Metralhadoras de mão da Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Globo, v. 5, 1987.

_____. Metralhadoras da II Guerra. Rio de Janeiro: Globo, v. 8, 1988.

MATHIAS, José Joaquim D’Andrea. Carabina .30 M1: Arma Longa da 2ª Guerra Mundial que aliou praticidade e portabilidade. **Magnum**. São Paulo, ano V, n. 30, p. 75-77, set./out. 1992.

MILITARYFACTORY. **The United States Army enjoyed considerable success with its simplistic Bazooka rocket launcher series**. Disponível em: http://www.militaryfactory.com/smallarms/detail.asp?smallarms_id=69. Acesso em: 5 nov 14.

MORAES, João Baptista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.

O CRUZEIRO DO SUL: Coleção completa do Órgão Especial da FEB na Itália – 34 edições. 2. ed. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, Biblioteca do Exército, 2011.

OLIVE, Ronaldo. **Guia Internacional de Submetralhadoras**. São Paulo: Magnum, 1996.

_____. **Submetralhadoras e Fuzis de Assalto**. São Paulo: Magnum, 1993.

PAES, Walter de Menezes. **Lenda Azul: A atuação do 3º Batalhão do Regimento Sampaio na Campanha da Itália**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, vol. 1 e 2, 1992.

PAULA NETO, Carlos F. **Fuzil Automático Browning “B.A.R.”**. Disponível em: armasonline.org/armasonline/fuzil-automatico-browning-b-a-r. Acesso em 09 jun 14a.

_____. **Fuzis e Carabinas nas I e II Grandes Guerras**. Disponível em: armasonline.org/armasonline/fuzis-e-carabinas-nas-i-e-ii-grandes-guerras. Acesso em 09 jun 14b.

_____. **Fuzis Mauser no Brasil e as espingardas da Fábrica de Itajubá**. Disponível em: <http://armasonline.org/armas-on-line/as-espingardas-da-fabrica-de-itajuba/>. Acesso em 05 nov. 2014c.

_____. **Lança-rojão 2.36 e granadas de mão e de fuzil: orientação**. Contato: Antônio Carlos Lorentz Ripe. São Paulo: 2014d. Correio eletrônico.

_____. **Pistola Colt 1911: História e Desenvolvimento (Rev. 1)**. Disponível em: armasonline.org/armasonline/a-colt-1911. Acesso em 12 jun 14e.

_____. **Pistola Colt 1911**: Os Testes de 1907 (U.S. Trials). Disponível em: armasonline.org/armasonline/a-colt-1911-o-u-s-trial-de-1907. Acesso em 15 jun 14f.

_____. **Submetralhadoras Thompson**. Disponível em: armasonline.org/armasonline/as-submetralhadoras-thompson. Acesso em 09 jun 14g.

_____. **U.S. Rifle .30, M1 (Fuzil “Garand”)**. Disponível em: armasonline.org/armasonline/o-u-s-rifle-30-m1-garand. Acesso em 09 jun 14h.

PISKE, Ferdinando. **Anotações do “front” italiano**. Florianópolis: FCC, 1984.

RABBIT, Frank; GIULIANI FILHO, Jarbas; NÁCUL, Ricardo Moojen. Armas da Infantaria norte americana na 2ª Guerra Mundial: O armamento dos “grunts”. **Magnum**. São Paulo, ano 13, n. 77, p. 40-44, fev./mar. 2002.

REICHEL, Günther. Revólver Smith & Wesson do Contrato Brasileiro de 1937. **Magnum**. São Paulo, ano VII, n. 39, p. 56-61, jun./jul. 1994.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado**. Rio de Janeiro: Ed. Expressão e Cultura; Biblioteca do Exército, 1989.

SILVEIRA, Joel Magno Ribeiro da. **Histórias de Pracinha**: oito meses com a Força Expedicionária Brasileira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Leitura, 1945.

TENDLER, Lincoln José. Fuzil M1 Garand: o preferido da Infantaria na 2ª Guerra Mundial. **Magnum**. São Paulo, ano VII, n. 41, p. 40-45, dez. 1994/jan. 1995.

_____. M3 “Grease Gun”: Uma tosca porém precisa metralhadora de mão. **Magnum**. São Paulo, ano VI, n. 35, p. 74-79, set./out. 1993.

WEEKS, John. **Armas da infantaria**. Rio de Janeiro: Renes, 1974.

WIKIPEDIA. **Bazooka**. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Bazooka>. Acesso em: 5 nov 14.

ZANOTTA, Creso M. Springfield Modelo 1903. **Magnum**. São Paulo, ano VII, n. 37, p. 40-45, fev./mar. 1994.

ANEXO – Ilustrações

Fotografia 1 – Fuzil Springfield M1903 e clipe de munição



Fonte: PAULA NETO, 2014b.

Fotografia 2 – Fuzil M1 Garand



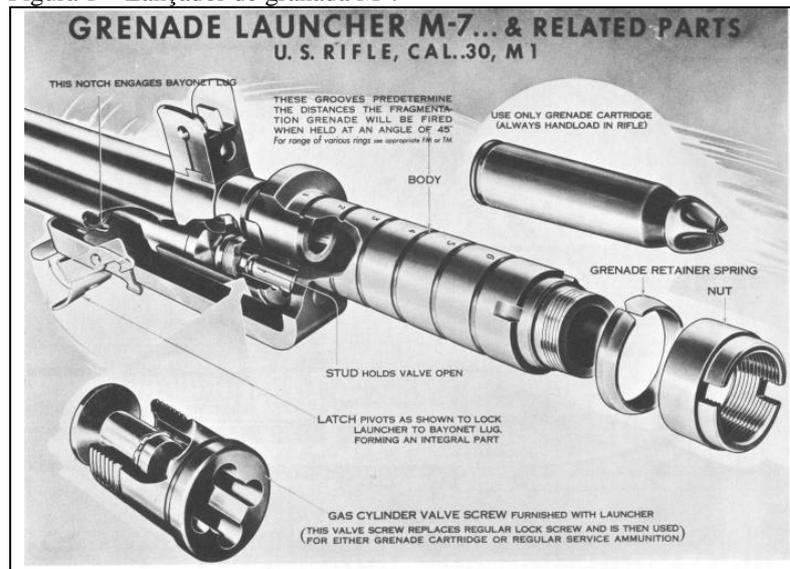
Fonte: PAULA NETO, 2014h

Fotografia 3 – Clipe M1



Fonte: PAULA NETO, 2014h

Figura 1 – Lançador de granada M-7



Fonte: PAULA NETO, 2014h

Fotografia 4 – Submetralhadora Thompson M1928



Fonte: PAULA NETO, 2014g

Fotografia 5 – Submetralhadora Thompson M1A1



Fonte: PAULA NETO, 2014g

Fotografia 6 – Submetralhadora M3



Fonte: PAULA NETO, 2014g

Fotografia 7 – Carabina .30 M1



Fonte: PAULA NETO, 2014b

Fotografia 8 – Carabinas .30: M1A1 e M1, ambas com encaixes para baioneta



Fonte: PAULA NETO, 2014b

Fotografia 9 – Pistola Colt 1911A1



Fonte: PAULA NETO, 2014e

Fotografia 10 – Pistolas Colt 1911 e 1911A1



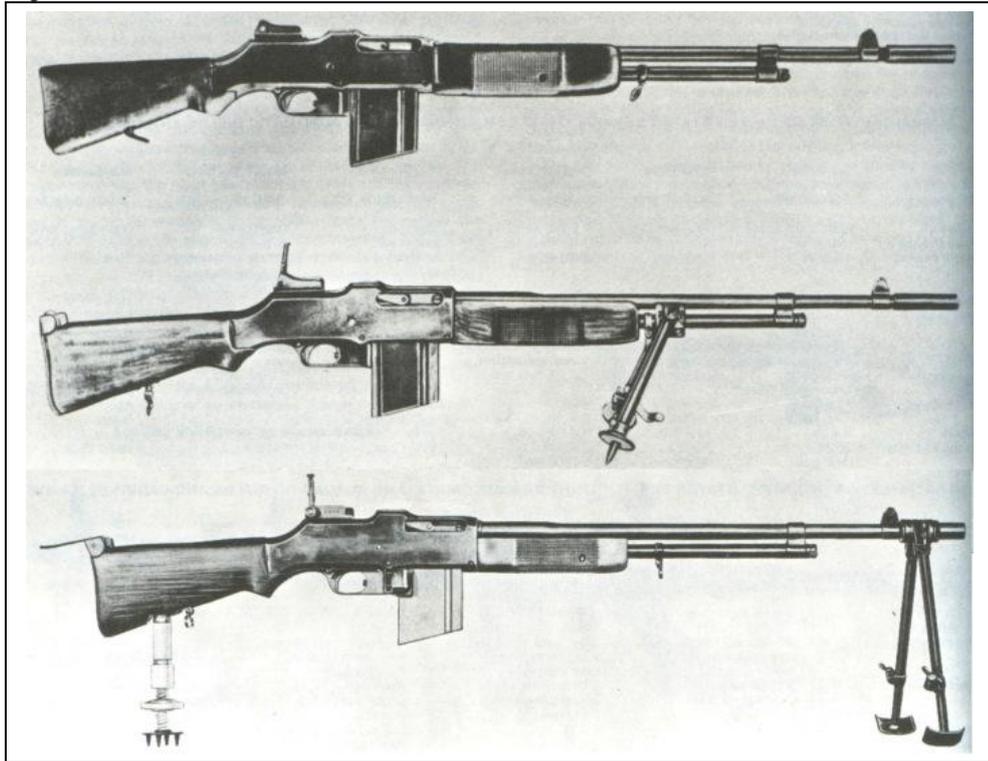
Fonte: PAULA NETO, 2014e, com alterações

Fotografia 11 – Browning Automatic Rifle M1918A2



Fonte: PAULA NETO, 2014a

Figura 2 – B.A.R. M1918, M1918A1 e M1918A2



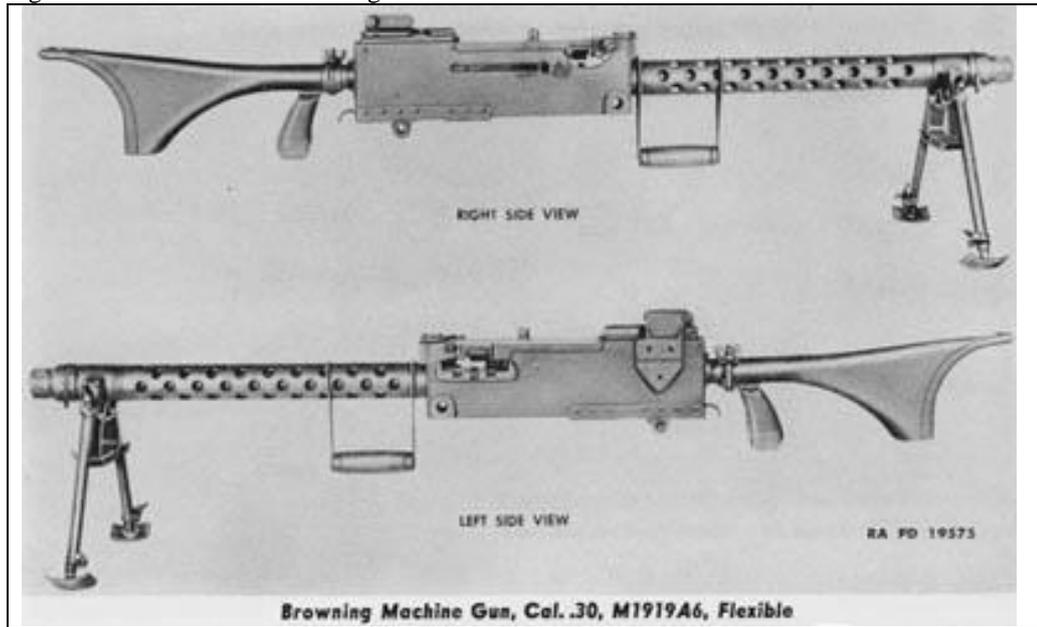
Fonte: PAULA NETO (2014a)

Fotografia 12 – Metralhadora Browning .30 M1919A4



Fonte: BROWNINGMGS, 2014

Figura 3 – Metralhadora Browning .30 M1919A6



Fonte: BROWNINGMGS (2014)

Fotografia 13 – Lança-rojão 2.36 M1 e rojões M6A2 e M6A3



Fonte: WIKIPEDIA (2014)

Fotografia 14 – Lança-rojão 2.36 M9A1



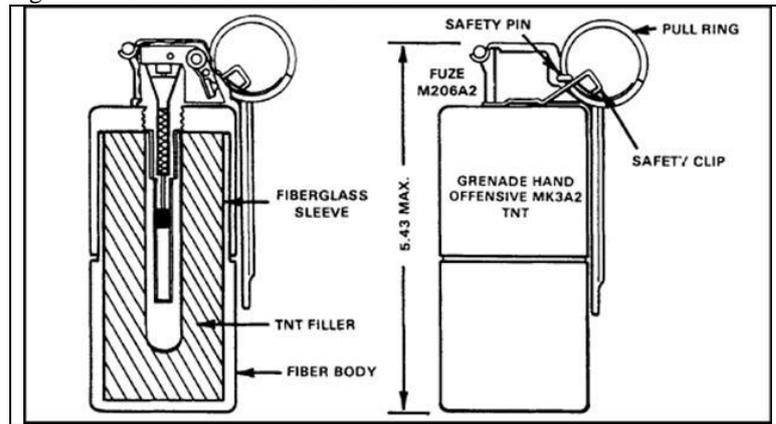
Fonte: IMFDB, 2014

Fotografia 15 – Granada de mão defensiva Mk IIA1



Fonte: PAULA NETO, 2014d

Figura 4 – Granada de mão ofensiva Mk IIIA2



Fonte: PAULA NETO (2014d)

Fotografia 16 – Granadas de fuzil e adaptador de projeção M1A2



Fonte: Inert-Ord, 2014, com alterações

Fotografia 17 – Treinamento de tiro com o fuzil Springfield M1903



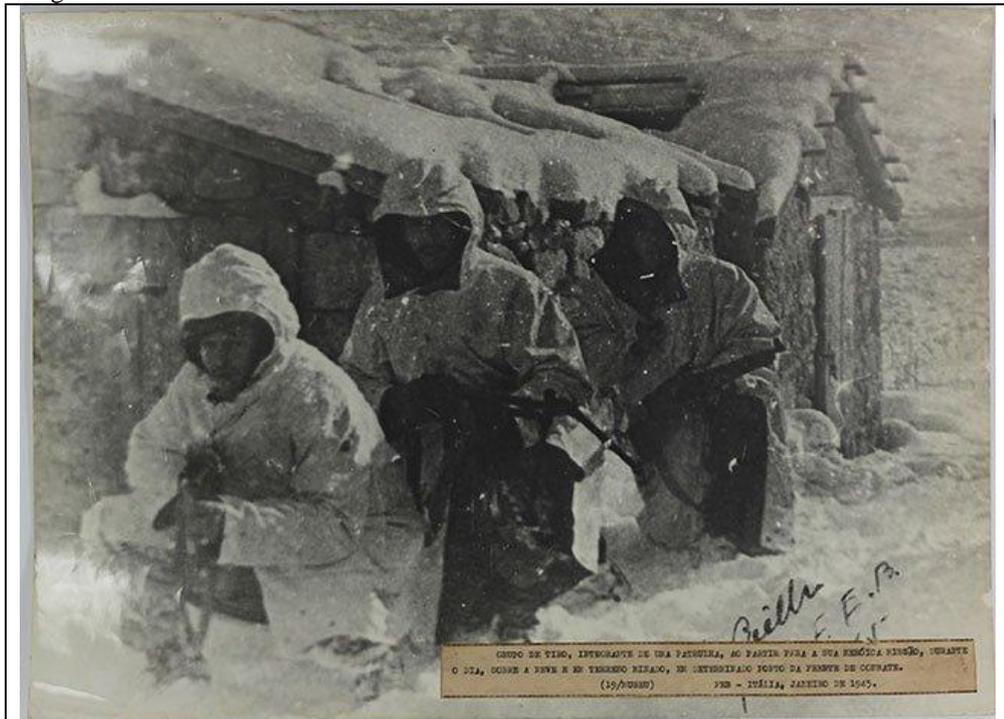
Fonte: Arquivo Histórico do Exército, 2014

Fotografia 18 – Grupo de “pracinhas”



Fonte: ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO, 2014

Fotografia 19 – Patrulha na neve



Fonte: ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO, 2014

Fotografia 20 – “Pracinha” remuniendo o fuzil Springfield M1903



Fonte: ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO, 2014

Fotografia 21 – Lançamento de granada de fuzil



Fonte: ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO, 2014

Fotografia 22 – Defesa na neve em Porreta Terme



Fonte: A COBRA FUMOU, 2014

Fotografia 23 – Patrulha de suprimento



Fonte: ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO, 2014

Fotografia 24 –Blindado de reconhecimento da FEB



Fonte: ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO, 2014

Fotografia 25 – Pistola Colt 1911A1 do Contrato Brasileiro de 1937



Fonte: PAULA NETO, 2014e

Fotografia 26 – Vigia de campo de prisioneiros armado com B.A.R.



Fonte: ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO, 2014

Fotografia 27 – Metralhadoras Browning .30 M1919A6 em posição



Fonte: ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO, 2014

Fotografia 28 - Montese



Fonte: A COBRA FUMOU, 2014